194.8
C741Co
e.2

DEDALUS - Acervo - FFLCH
20900219891

TOMBO . . : 62593
SBD-FFLCH-USP

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

Fundada por AUGUSTO COMTE sob a inspiração de CLOTILDE

O AMOR por principio, e a ÓRDEM por baze:
O PROGRÉSSO por fim.

Órdem e Progrésso. Viver às claras.
Viver para ôutrem.

—:—

COMTE E CLOTILDE

LÚCIA
OS PENSAMENTOS DE UMA FLOR
A INFÂNCIA
CARTA SOBRE A COMEMORAÇÃO SOCIAL
ORAÇÕES QUOTIDIANAS

EDIÇÃO FILIAL
dedicada à
SANTÍSSIMA CIDADE DE PARIS

pelos ocidentais que aí instituírão uma legação pozitivista encarregada de lhe aprezentar suas prêces e seus vôtos.

Paris, é a França,
o Ocidente, a Têrra.

AUGUSTO COMTE.

FAC. DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
Biblioteca de Sociologia

—o—

RIO DE JANEIRO
JUNHO DE 1903
LIX ano do Pozitivismo religioso

UNIVERS. DE SÃO PAULO
FAC. DE FILOSOFIA
6624

O Pozitivismo religiozo começou realmente em nóssa precióza entrevista inicial do Venerdia 16 de Maio de 1845, quando o meu coração proclamou inopinadamente, perante a tua familia maravilhada, a sentença caraterística (*não se póde pensar sempre, mas se póde amar sempre*) que, completada, tornou-se a diviza especial da nossa grande compozição.

AUGUSTO COMTE — *Quinta Confissão.*

As nóssas encantadoras irmans do Sul serão assim conduzidas em bréve a abençoar o teu santo nome, que paréce-me dever aí achar o seu principal advento. O doce entuzíasmo das Espanhólas te proporcionará talvês o tardio reconhecimento das Francezas. Conservo cada vês mais a minha esperança primitiva de ver a tua cara imágem fornecer um dia o emblema uzual das bandeiras ocidentais.

AUGUSTO COMTE — *Sesta Confissão.*

Eu não seria um digno pontífice da Humanidade, si não estivésse profundamente convencido da minha inferioridade moral em relação a ti. E' pois em esforçar-me por parecer-me contigo que devo empenhar-me de mais em mais.

AUGUSTO COMTE — *Sétima Confissão.*

Á medida que se vai instalando a religião *cuja fundação a Posteridade atribuirá tanto a ti como a mim*, sinto até que ponto tu serias agóra precióza ao pozitivismo em relação ao qual a necessidade de uma digna pena feminina tórna-se hoje preponderante. Seja qual for a minha esperança de encontrar-te, a este respeito, nóbres suplentes, o conjunto délas jamais poderá equivaler ao que eu via espontaneamente reunido em ti. Tu foste, sem o saber, como o digo todos os Martedias, a mulher mais eminente, pelo coração, espírito, e mesmo caráter, que a história universal aprezentou até aqui. O porvir paréce-me difícilmente sucetível de um tipo milhór.

AUGUSTO COMTE — *Última Confissão.*

OBRA RARA

TEMPLO DA HUMANIDADE
NO
RIO DE JANEIRO
Rozália Boyer, a Mãi de Augusto Comte, consagrando seu Filho à regeneração social.
(Idealização do pintor brazileiro Eduardo de Sá)

LÚCIA E OS PENSAMENTOS DE UMA FLOR

PREFÁCIO DE AUGUSTO COMTE

Paris, 12 de Dante de 63 (sábado 27 de julho de 1850).

Para completar ésta dedicatória ecepcional, eu creio dever ajuntar aqui a única compozição publicada por minha santa colléga. Ésta tocante novéla, cuja principal situação carateriza essencialmente a fatalidade conjugal da infortunada Clotilde, foi inserida no folhetim do **Nacional** de 20 e 21 de junho de 1845. Reproduzindo-a aqui, eu espéro fornecer aos juizes competentes um testemunho diréto da eminente natu-

reza, intelectual e moral, do anjo desconhecido que prezide a minha segunda vida.

Em continuação a ésta produção caraterística, publico minha carta inédita sobre a comemoração social, que teria aparecido com a **Lúcia** si não fosse a culpável malevolência de um célebre jornalista, hoje dezacreditado. Ésta pequena compozição oferéce um cérto interésse histórico a todos os que conhécem agóra a Religião da Humanidade. Eles verão aí os primeiros gérmens distintos e dirétos de uma imensa sínteze moral e social surgir espontâneamente de uma pura efuzão privada. A minha reação normal do coração sobre o espírito se encontrava assim manifestada vários anos antes que eu tivésse construido a teoria definitiva déla.

Termino esse complemento natural de minha dedicatória por uma **canzone** inédita, que Mme. de Vaux queria colocar em sua **Willelmina,** conquanto éla a tivésse composto em 1843. Éssas graciózas estrófes,

cuja suavidade Petrarca teria porventura invejado, poderão indicar a flexibilidade e a variedade de um talento chamado aliás às mais altas atribuições. A tendência poética désta alma de elite se pronunciava involuntáriamente em suas menóres inspirações. Éla seria, por ezemplo, assás caraterizada segundo ésta melancólica inscrição, secretamente colocada, aos vinte e dois anos, numa antiga **Journée du Chrétien,** que consérvo religiózamente: "Lembrança precióza de minha mocidade, companheiro e guia das hóras santas que soárão para mim, evóca sempre ao meu coração as ceremônias grandes e suaves da capéla do convento!..."

Augusto Comte.

LÚCIA

Ha alguns anos, um crime, revestido de circunstâncias estraordinárias, veiu ferir de assombro a pequena cidade de ***

Um mancebo, pertencente a uma família distinta, tinha dezaparecido sob o peza de uma terrível suspeita: acuzávão-no de haver assassinado um banqueiro seu sócio, subtraindo-lhe consideráveis valores. Atribuia-se o duplo crime à funésta paixão do jogo. O culpado abandonava assim, alguns mezes depois de cazado, sua jóven espoza, dotada de grande beleza e das mais eminentes qualidades. Órfan, ficava éla entrégue, aos vinte anos de idade, ao izolamento, à mizéria, e a uma pozição sem esperança.

As leis lhe concedêrão espontâneamente a separação de corpo e bens, isto é, de tudo aquilo que lhe fugia. A família do marido

cedeu-lhe um abrigo e um par de sapatos. Mas, sendo geralmente admirada, cercárão-na de todos os lados poderózas proteções.

Éra éla felísmente uma déssas nóbres mulhéres que acêitão mais fácilmente a desgraça do que uma tranzação vergonhóza. Sua inteligência elevada mostrou-lhe a situação sem rebuços: éla compreendeu que só à beleza poderia dever o interésse dos hômens; presentiu os perigos que doces simpatias pódem acobertar, e quis tirar só de si todo o lenitivo para a sua sórte. Éssa rezolução corajóza uma vês tomada, não pensou mais a jóven senhóra sinão nos meios de dar-lhe ezecução. Possuindo notável talento, dirigiu-se para Paris com o fim de utilizá-lo. Depois de algumas prôvas foi admitida como professora na caza da Abbaye-aux-Bois, onde encontrou honorável azilo.

A justiça, entretanto, proseguia seu curso; ativas diligências procurávão por toda parte os traços do fugitivo. Os despójos da

sua infelís vítima já os credores irritados tínhão repartido entre si; seus vestidos, suas jóias, e até seus pequenos tezouros de moça solteira, tínhão sido póstos em almoéda. Tanto interésse, porem, éla inspirava que algumas pessoas comprárão muitos desses objétos e lhos mandárão entregar.

Uma moça quis possuir um medalhão que continha o retrato da heroina, o cura do lugar arrematou seu vestido de noiva para paramentar com ele o altar da Vírgem.

Esses detalhes comovêrão vivamente a infortunada. Em seu coração uma nóbre altivês aliava-se a uma sensibilidade profunda, e éla sentiu-se amparada pelas próvas de simpatia que recebia de todos os lados. Penetrada de terror à simples recordação de seu primeiro amor, éla não encarou seus grilhões sinão como uma barreira que éla tivésse voluntáriamente erguido entre os hômens e si. O horror e os perigos de sua situação escapárão assim às suas vistas, e

éla aceitou sem revólta a injusta sentença das leis.

Um sentimento indelével, uma doce e santa amizade de infância poupou a princípio a este nóbre coração as amargas dores do izolamento. A filozofia, tão mesquinha e tão árida nas almas egoistas, dezenvolveu suas magníficas proporções na da jóven senhóra. Póbre, éla achava meios de fazer o bem: ia raramente às igrejas, onde a frivolidade estabeleceu seus balcões; mas encontrávão-na amiúdo nas mansardas, onde freqüentemente a desgraça vê-se reduzida a ocultar-se, como a vergonha.

Decorrêrão dois anos sem que nenhum acontecimento viésse alterar ésta situação estranha e desditóza. O tempo, que não fás sinão aumentar as grandes dores, tinha arruïnado pouco a pouco a brilhante organização da órfan.

À sua corágem heróica, aos seus esfórços perseverantes para ficar no rude caminho que lhe estava traçado, começava a

suceder um abatimento profundo. Treze cartas que me viérão às mãos pintarão milhór do que eu as dores desse coração enfermo. Péço permissão para reproduzí-las e assim terminar a prezente história.

1.ª CARTA — Lúcia à Senhóra M.

Escrevo-te de Malzéville, onde passei alguns mezes, minha bem-amada. Meu peito precizava de ar e de leite; os nóssos dignos amigos aproveitárão esse pretesto para convidar-me a partilhar sua linda solidão. Como eu amo éssas ecelentes criaturas! Pudésse eu assimilhar-me a élas, ou fazer passar para o meu um pouco da pás que reina no fundo de seus corações! Sinto-me contudo milhór aqui: nada é sadio como o espetáculo de uma béla natureza e désta vida laborióza e unifórme que obriga o espírito a diciplinar-se.

O general espéra em bréve a chegada do vizinho, que passa por ser o benfeitor

deste pequeno país. E' um rapás de vinte-seis anos, possuidor de uma béla fortuna, e dicípulo sincéro das idéias liberais. Vive em companhia de sua mãi, que ele adóra, e de quem igualmente se fala muito bem.

Tu me aconselhas a cultura das flores para que eu descance um pouco da múzica e da leitura. Ah! minha bem-amada, não são esses os únicos prazeres que me réstão? Depois de haver pago meu fraco tributo à amizade, depois de ter lido para o general ouvir alguns trechos de suas memórias, depois de evocarmos juntos algumas recordações grandes e sevéras, ou depois de partilhar com a nóssa amiga seus pequenos cuidados de caza, acho-me de novo preza déssa necessidade de sentir e de pensar que se tornou o principal incentivo de minha ezistência; e contudo nenhuma mulhér amou mais do que eu a vida socegada e simples. Que prazeres brilhantes não teria eu sacrificado com alegria aos deveres e à felicidade da família! Que triúnfos não me terião pa-

recido insípidos comparados com as carícias de meus filhos! O' minha amiga, a maternidade, eis o sentimento cujo fantasma se érgue, tão novo e tão impetuozo, em meu coração. Esse amor, que a todos os mais sobrevive, não é dado à mulhér para que éla se regenére nas suas dores?

2.ª CARTA — Maurício a Rogério

Rogério, vi enfim éssa mulhér, tão grande e tão desventurada, de quem me falavas com orgulho. Não digas que está lançada a sórte si eu te confessar a impressão profunda que senti ao aspéto déssa jóven e béla mártir das injustiças sociais. As tocantes virtudes dè Lúcia, seu espírito, suas graças, tudo néla trás para sempre o cunho de um pezar profundo. Sente-se, ao vê-la, que para amar ser-lhe-á precizo uzar de generozidade. Entretanto, não é éla livre perante a honra e a razão? Que espantóza imprevidência das leis é éssa em virtude da qual

um ser puro e respeitado póde achar-se acorrentado, pela própria sociedade, ao ente estigmatizado que éla repéle de seu seio?

O que é que se chama mórte civil? Será um simúlacro? Com que fim a sociedade consérva uma espoza a um hômem, que não póde mais gerar sinão bastardos?

Com que direito ha de éla impor o izolamento e o celibato a um de seus membros? Com que fim o ha de impelir para o desregramento?

Mas estou com ar de quem está diante de juizes. Meu sangue fica préstes a inflamar-se, Rogério, quando vejo como a apatia dos hômens engendra muitas vezes a desgraça e a opressão.

Mandei construir um mirante com vista para Malzéville; daí, com um óculo de alcance, descubro inteiramente a caza do general. Ôntem, avistei Lúcia que estava sentada à beira do tanque; sua atitude éra melancólica e acabrunhada. E não sei si deva dizer-te, seu olhar parecia-me dirigir-

se muitas vezes para o sul. Ah! vendo-a tão gracióza e tão abatida, eu perguntava, indignado, a mim mesmo, onde o segredo de cértas influências sobre os nóssos corações? Porque é que vêem-se mulhéres vulgares fascinar inteligências superiores e tornar-se o objéto de um verdadeiro culto? Como é que acontéce tambem que a generozidade e a nobreza de cértas mulhéres vêem-se muitas vezes a braços com o egoismo e a grosseria? Cumpre renunciar à esplicação deste enígma.

Já que quéres uma nóva descrição de Oneil, dir-te-ei, meu caro Rogério, que fis déssa propriedade uma das mais bélas do departamento. Contárão-me um destes dias uma recente discussão a meu respeito entre os habitantes da comuna vizinha e um vélho fidalgo arruinado. Tratava-se nada menos que de decidir si se devia dar o título de castelo a Oneil e o primeiro pedaço de pão bento a seu proprietário. Cortei a questão

não indo à missa, e chamando todo o país de meu vale.

3.ª CARTA — Maurício a Rogério

Nunca, Rogério, nunca outra mulhér fará nacer em mim estes sentimentos generózos e elevados que a simples vista de Lúcia basta para inspirar-me. Tu disséstes a verdade, meu amigo: é debalde que as leis, a opinião, e o mundo érguem entre nós sua tríplice barreira, o amor nos unirá, eu o sinto. Quem milhór do que tu conhéce as necessidades de meu coração e sua insuperável repugnância pelas felicidades vulgares? Ai de mim! antes de encontrar Lúcia, já eu o tinha sentido muitas vezes, é um perigo refinar nóssas sensações.

Minha mãi fês sua vizita a Malzéville. Eu estava curiozo, confésso-te, de saber a impressão que Lúcia lhe cauzaria. Ao chegarmos diante da grade do pequeno parque, avistamo-la enxertando uma rozeira. Estava vestida de branco; um grande chapéu de jar-

dim cobria-lhe negligentemente a cabeça, uma simples fita verde dezenhava-lhe o talhe fino e elegante. Dir-se-ia, ao vê-la, o mais suave ideal da Galatéia. Fiquei surpreendido de não perceber emoção alguma no rosto de minha mãi, que de ordinário é tão benévola, e acha tanto prazer em admirar. Esteve sentencióza e fria durante todo o tempo de nóssa vizita: as palavras **dever** e **honra** achávão sempre lugar em suas frazes. Pela vês primeira, entrevi o que ha de amargo e implacável nas rivalidades femininas. Guiada por esse tato delicado que o hábito do sofrimento concéde, Lúcia retirou-se antes de nós invocando um pretesto qualquér Porque não ouzei eu seguí-la e lançar-me a seus pés para protestar contra as palavras de minha Mãi?

Rogério, foi esse momento que fixou para sempre minha sórte. Compreendi que só a mim cabia arrancar à desgraça ésta doce vítima. Perêção as quiméras que entre nós se érguem! Sinto-me fórte contra a má

fé da opinião e contra a censura dos invejózos. Assim póssa eu sê-lo tambem contra a generozidade e a grandeza de Lúcia!

4.ª CARTA — Maurício a Rogério

De boa vontade se amaldiçoaria a civilização e as luzes, quando se vê quão pequeno é o número de espíritos justos e de corações rétos que ha no mundo. Eu não poderia dizer-te quantas insinuações mesquinhas e odiózas tenho de sofrer todos os dias por cauza de Lúcia. Mas, e isto não é o que menos irrita, toda a honra fica com estes corruptores de moral, que se levântão orgulhózamente sobre seus montões de sofismas. Paréce, na verdade, que o sucésso só acompanha as guérras vergonhózas.

Acabo de ter com minha mãi uma convérsa penóza, que não fês sinão confirmar minhas idéias sobre a dedicação. E' uma virtude magnífica, mas que prefére muito mais viver de gózos do que de sacrifícios. Encontrei últimamente, na sociedade, a jó-

ven condessa de ***, cujo marido está nas galés. Tinha éla vinte-quatro anos quando éssa fatalidade a feriu; éra notávelmente béla e amável. O digno L... apaixonou-se por éla. Unírão-se. Pois bem! dizia-me éla que o que teve de sofrer de sua própria família não se póde calcular. E como eu lhe manifestasse meu espanto, à vista das idéias adiantadas que todos na família professávão, éla respondeu-me: Pois que! aínda vos achais tão atrazado no conhecimento do hômem? Eles consêntem bem que eu seja atéia, mas não que dispense os sacramentos.

Tanto é verdade, meu digno Rogério, que ésta admirável humanidade não está aínda bem quite de sua dívida para com os macacos, dos quais, no dizer de alguns doutores, éla decende dirétamente.

5.ª CARTA — Maurício a Lúcia

Que fizéstes, Lúcia? A que funésto pensamento obedecestes afastando-vos de mim? Infelís que sou! debalde procuro justificar

vósso silêncio, ele esmaga-me o coração como um fardo de gelo. Entretanto, ôntem aínda, vós me tínheis feito prezar a vida. Vóssa alma parecia abrir-se à esperança. Quando um léve perigo ameaçou-me à beira do lago, atirastes-vos em meu socorro sem parecer que receiáveis a prezença daqueles que nos cercávão. Oh! como estáveis béla naquele momento! como a dedicação vos fazia imponente! Não lestes por ventura em todos os olhares o entuziasmo de que éreis alvo? O' Lúcia, quando talvês não fosse prezizo mais que mostrar-vos o que sois para enternecer o coração de minha mãi, por que desgraça inconcebível nos achamos separados? Mas quem sabe? talvês não sejais a mulhér angélica que eu julgára entrever, talvês que um amor generozo esteja acima de vóssas forças? Talvês... Mas para que todas éstas dúvidas? Só vós podeis restituir-me o socego que me tirastes: espéro de vós uma linha, uma palavra ,que me diga quais são os vóssos projétos. Pensai nisso! eu não

respondo por mim si continuardes a acabrunhar-me com o vósso silêncio. Manuel vai correr à toda brida até Paris: daqui a dés hóras pósso ter vóssa respósta.

6.ª CARTA. — Maurício a Rogério

Éra pois necessário que assim acontecesse, Rogério? Tê-la conhecido, saber o que encérra esse coração elevado, esse espírito delicado, e dentro de algumas hóras, talvês, ter que deplorar a sua perda! Que a minha desgraça recaia para sempre sobre aqueles que a cauzárão! Ai de mim! quando eu a acuzava do que tenho sofrido, éla sucumbia à violência de seus combates e de seu amor. Divago como um louco em torno da caza do general, contínuamente interrogando seus criados, e não recebo deles sinão respóstas vagas ou aterradoras. Felismente o médico não me conhéce, e três vezes por dia entérra-me a verdade no coração. Acabo de estar com ele neste momento; seu olhar

éra tão triste, ele parecia tão acabrunhado que eu pedi-lhe encarecidamente que não me ocultasse a última desgraça. Garantiu-me que éla eziste aínda; mas ele está na espectativa de uma crize terrível e inevitável...

P. S. Está salva! E' precizo amar como eu amo para compreender a magia désta palavra. Prostrei-me aos pés do médico; pedi-lhe sua amizade. Em vão consérva ele seu ar grave, eu sinto-me préstes a fazer loucuras em sua prezença. E' um hômem distinto, fala de Lúcia com um entuziasmo quázi igual ao meu. Mas uma cóiza impressionou-me: ele obsérva-me muitas vezes com admiração, e paréce préstes a confiar-me um segredo. Ele termina sempre nóssas convérsas sobre Lúcia por esta fraze: A sociedade é bem culpada.

Tenho a miúdo notado que a prudência é o vício dos hômens déssa profissão, que, pelos conhecimentos profundos que possúem, tão aptos serião para secundar o movimento

social. Quantas modificações importantes não poderião ser introduzidas nas leis só pela autoridade de cértos fatos sientíficos que fícão etérnamente ocultos ao vulgo! Eu quizéra que um born médico publicasse suas memórias; seria, a meu ver, um livro utilíssimo para a humanidade.

7.ª CARTA. — Maurício a Rogério

Tornei a vê-la, meu amigo! Ah! não se ouza crer que éla pertença aínda à térra, tanto revestiu sua beleza um caráter ideal e celéste. Seu primeiro passeio éla consentiu em fazê-lo apoiada a meu braço, e eu admirei-me da simplicidade com que éla me pintou seus sofrimentos. Si não me engano, um raio de esperança penetrou em seu coração; mas não pude achar o sentido de muitas palavras suas. Uma ocazião, em que descançávamos à sombra de uma capélinha em ruínas, sucedeu de por alí passar um cazamento de camponezes. Havia tanta felici-

dade e despreocupação em todas aquélas fizionomias abértas, que eu não pude conter uma reflexão amarga, comparando nóssa sórte com a deles. Lúcia estremeceu ouvindo-me. "O' meu amigo, esclamou éla, eles são felizes, mas é porque sua felicidade não aflige nem ofende a ninguem." Eu olhei para éla maravilhado. Seu rosto tingira-se de léve rubor. Tomou-me a mão e, colocando-a sobre o seu coração, continuou com vós grave e comovida: "Maurício, nóssa infelicidade nos impeliría em vão a levantar-nos contra a sociedade; suas instituïções são grandes e respeitáveis como o labor dos tempos; é indigno dos grandes corações derramar as perturbações que sêntem." Eu quis responder-lhe, mas um sinal que éla me fês com a mão indicou-me que sentia-se fraca. Já começava a fazer-se tarde. O digno doutor, que já estava aflito por não ver Lúcia voltar, veiu ao nósso encontro e ajudou-me a conduzí-la até a entrada do parque de Malzéville, onde foi precizo separar-nos.

O que me atérra, Rogério, não é tanto o conjunto dos obstáculos que me cércão como a grandeza natural de Lúcia. Não é a vãos preconceitos, eu bem o sinto, que tal mulhér déve ter imolado até aqui os mais doces pendores de seu coração.

8.ª CARTA. — Lúcia à Senhora M.

Minha querida amiga, a esperança acolheu-me quando voltei à vida: Maurício consente em erguer sua grande vós para protestar contra o terrível abuzo que nos separa. Sua mãi apertou-me contra o seio; nunca esquecerei as sensações deliciózas que esse momento mesclou à amargura das minhas recordações.

O' minha bem-amada! o amor de um hômem puro e delicado é um sentimento muito poderozo. De quanta força e corágem não precizo eu para rezistir-lhe! Mas o interésse e a glória de Maurício são mais caros para mim talvês do que o meu pró-

prio: por isso o orgulho de vê-lo tentar uma nóbre empreza ampara-me; porque, quanto à minha, paréce-me que a levei ao cabo como verdadeira heroína.

Só ôntem foi que a nóssa sórte ficou decidida. Tínhamos passado a noitada com o digno doutor, cuja moral é ao mesmo tempo tão doce e tão elevada. Apenas nos tinha ele deixado, quando Maurício, tomando-me impetuózamente a mão e apertando-a contra o coração, jurou proteger-me mau grado o mundo, e não consentir mais que eu me afastasse dele. Reüni quantas forças tinha para lutar contra éssas emoções deliciózas e terríveis. Fis ver a Maurício que o dever lhe impunha que tentasse libertar-me de meus liames, reclamando uma lei justa e sábia. Uzei para movê-lo dos argumentos que têm mais poder sobre seu grande coração. Pintei-lhe com ardor as vantágens que déssa glorióza tentativa poderião rezultar para a sociedade. Quanto a ele, não foi difícil interessá-lo pela sórte desses entes, jó-

vens, fracos, dezarmados, que um vínculo odiozo póde levar ao dezespero. Ele conveiu em que os abuzos das leis rezúltão na maioria dos cazos da apatia dos hômens, e que é sempre honrozo e útil lutar contra a opressão.

Consideramos em seguida nóssa situação sob todos os pontos de vista. Maurício asseverava que para a felicidade bastava um vínculo como aquele que ele queria que contraíssemos, e que, sem a menor saudade, ele renunciaria a este mundo que sacrifica a verdadeira honra a preconceitos pompózamente condecorados com o nome de conveniências. Confessei-lhe que eu não me sentia nem bastante alto nem bastante baixo para afrontar a opinião, e que ser-me-ia doce poder cercar nósso amor do respeito das famílias honéstas. Ele combateu com brandura minhas idéias, mas a lembrança de sua mãi juntou-se em seu coração a todos os grandes sentimentos que lhe são próprios. Acabou prometendo-me dirigir uma petição

à câmara, e esperar dignamente o rezultado.

Precipitei-me aos pés desse hômem tão querido, derramando lágrimas de reconhecimento e de amor. Os esfórços que eu tinha feito para me dominar havião por tal módo esgotado minhas forças que a vida pareceu-me que ia abandonar-me. Nunca senti tanto o valor déla como naquele momento.

O' minha amiga! tu que vives calma e felís ao lado do hômem de tua escolha, tu compreenderás tudo o que se passa em meu póbre coração. Tu sabes si eu partilho o ridículo déssas mulhéres que sapatêião à simples idéia de nunca serem deputados, e que môntão a cavalo para provar que, em cazo de necessidade, poderião ser ecelentes coronéis de dragões. Mas tu sabes tambem si eu sinto vivamente a opressão por toda a parte onde éla se ezérce realmente. E' atentando contra a felicidade modésta e verdadeira da mulhér que as leis a impélem para fóra de sua esféra, e lhe fázem às vezes

desconhecer seu sublime destino. Henriqueta, que prazeres pódem eceder aos da dedicação? Cercar de bem-estar o hômem que se ama, ser boa e simples na família, digna e afável para com os de fóra, não é esse o nósso mais doce papel e o que nos fica milhór? Paréce-me que o círculo da família, a cértos respeitos, póde modelar-se pelos círculos da sociedade, e não é a mulhér que dele fas as honras?

9.ª CARTA. — Maurício a Rogéria

Uma nóva dor veiu dezabar sobre o seu coração: o monstro a quem se acha acorrentada foi prezo na fronteira e levado para as galés de Toulon, afim de cumprir sua pena.

Este acontecimento, que dá tanta força às nóssas reclamações, paréce entretanto ter abatido a corágem de Lúcia. Esse coração tão térno desfaleceu de terror à vista

do horrível desfecho a que as leis a associão. O nome que éla aínda trás repercute néla carregado de infâmia e de lúgubres lembranças. Sua imperecível bondade veiu juntar a compaixão a todos os seus males. Oxalá suas forças não se esgótem néssa luta cruel! Não, eu sinto, as leis não pódem ser voluntáriamente imorais e absurdas! A evidência tocará os hômens, eles despedaçarão esse odiozo grilhão que encadeia o ser mais puro a um forçado.

Lúcia, tal como a conheço, terá muito que sofrer aínda; divérsas circunstâncias me têm esclarecido sobre todos os seus sentimentos, e eu não sacrificarei nenhum deles ao amor. Éssa nóbre mulhér seria mãi como é amante. Os sacrifícios que éla aceitaria valentemente para si, éla sófre só com o pensamento de legá-los a seus filhos. Pósse éla achar enfim o prêmio de suas doces virtudes! Para domar minha impaciência eu reünirei todas as minhas forças e toda a minha corágem. A vida, Rogério, tem rudes provações.

Envio-te uma cópia da petição que dirigi à câmara.

"Senhores deputados.

"Eziste no seio das leis um abuzo cujas consequências são aterradoras; permiti-me que vo-lo assinale por um ezemplo frizante.

"Uma moça de vinte-dois anos, cujo coração é puro e repléto de honestidade, acha-se agrilhoada pelo cazamento a um galé.

"Quinze anos de prizão, a infâmia, a desprezo, tudo o que separa a virtude do vício, anula materialmente este odiozo vínculo.

"O hômem morreu civilmente: a mulhér, declarada livre pelos tribunais, retoma a pósse de sua fortuna, que éla está gerindo já. São evidentes todos os seus direitos; e contudo tem éla de renunciar ao mais preciozo de todos, o de uzar da liberdade de seu coração.

"Por uma imprevidência que não se concébe, éssa mulhér vê-se espelida da proteção das leis, e por élas colocada entre dois abis-

mos profundos, a desgraça e o desregramento.

"Qual a escolha que se ouzaria indicar-lhe? Para adornar-se de um estéril heroismo, deverá éla renunciar ao amor e à maternidade, esses bélos e nóbres feudos da espoza?

"E, si o izolamento pezar sobre sua alma como uma lei de mórte, e forçá-la a contraír um vínculo hostil à sociedade, quem ha de protegê-la contra a má fé da opinião e contra todos os perigos de uma situação falsa?

"Entre estes dois escólhos, ha aínda um terceiro em que todo ser oprimido e fraco tem de esbarrar, é a covardia.

"Senhores deputados, chamo vóssa atenção para ésta questão de alta moral, e solicito uma lei que estabeleça o divórcio em um único cazo, o de pena infamante."

10.ª CARTA. — Maurício a Rogério

Nóssos corações estão mais .calmos. Lúcia paréce felís por me ver fazer ato de

submissão para com ésta póbre sociedade. Póssa éla colher o fruto de minha paciência!

Talvês tenha eu realmente cumprido um dever. Tenho sofrido tanto de cérto tempo a ésta parte, que pósso já não ser muito bom juís em matéria de sizudês. Revóltão-me os abuzos, e a opressão inspira-me tal horror que de boa vontade eu fugiría déla em vês de combatê-la. Póde ser que Lucia, com seu heroismo, esteja muito mais próssima da simples moral do que eu. Poucas mulhéres reúnem como éla a penetração à sensibilidade; é uma natureza eminentemente leal e inteligente. Quanto milhór conheço esse coração tão térno, tanto mais sinto que eu não poderia compensar bastante o seu amor.

Com que lentidão vejo aprossimar-se todos os dias o momento em que devemos estar juntos! Gósto de surpreendê-la no meio das ocupações que éla se criou para saber esperar-me, segundo as suas próprias espressões. Ôntem, encontrei-a muito ocupada em copiar um grosso cadérno de insigni-

ficante múzica para escólas. Como lhe manifestasse minha admiração com bastante insistência, éla acabou confessando-me que tirava alguns recursos desse trabalho. O' Rogério, ser-me-ia impossível dizer-te a penóza impressão que me cauzou éssa descubérta. Dar ao hômem os cuidados e as doçuras do lar doméstico, recebendo dele em tróca todos os meios de ezistência que o trabalho proporciona, não é esse o verdadeiro papel da mulhér? Eu antes quéro ver uma mãi de família pouco abastada lavando a roupa de seus filhos, do que vê-la consumindo a vida para espalhar fóra de caza os produtos de sua inteligência. Está bem visto que não falo da mulhér eminente, que seu gênio arrebata além das esféras da família. Ésta déve ter na sociedade um livre surto; porque a manifestação é o verdadeiro facho das inteligências superiores.

Eu quizéra não sómente que as mulhéres achássem apoios naturais em seus pais,

irmãos e espozos, mas que, si por ventura esses apoios viéssem a faltar-lhes, élas fôssem sustentadas pelos governos. Fundar-se-íão, suponhamos, estabelecimentos onde élas se reuníssem e utilizássem seus talentos divérsos, porque ha trabalhos delicados que só pódem ser feitos por mulhéres. Eles seríão confecionados nesses estabelecimentos, onde ao menos se garantiria a seres izolados e fracos um recurso contra todos os males que os ameação fóra da vida em comum.

Nóssas cidades teríão assim vastos bazares onde a mulhér opulenta tomaria o trabalho de ir escolher seus adornos. Não se veríão mais póbres mocinhas, estenuadas por um trabalho forçado, sêrem obrigadas muitas vezes a correr o dia inteiro em busca de colocação para o fruto desse sacrifício. Estes meios, ou outros análogos, já estabeleceríão um pouco de proporção entre as forças e os deveres das mulhéres, muitas vezes tão pouco em harmonia.

11.ª CARTA. — Maurício a Rogério

Nésta sociedade gasta e depreciada onde achar um résto de calor? O dinheiro! eis a chave do dicionário deles, a palavra que é precizo absolutamente conhecer para poder compreendê-los. Eu tinha dado parte ao conde de J... de nóssa situação atual e do passo que dei perante a câmara. Ele pensou que me festejava pondo-me em contato com alguns desses hômens que se châmão sensatos, sem dúvida porque desguarnecêrão complétamente o coração em proveito da cabeça. Não pensei que pudésse ir tão longe a secura. A conversação geral déssa gente assemelha-se a uma verdadeira operação de bolsa. E' um espetáculo curiozo, vê-los disputárem-se a conversão de um ingênuo.

A maneira obzequióza com que o conde de J... fizéra-me as honras em seu círculo pôs-me, contra a vontade, em evidência. Obrigado a falar de minhas opiniões e de

meus sentimentos, tornei-me lógo o alvo das atenções de toda a assembléia. Éla bateu-me em filozofia e moral; e ia já decretar-me sublime para ver-se livre de mim, quando um dos hômens mais influentes da época tomou-me de parte e disse-me: "Vós estais imitando uma gralha quando abate nózes. Não vos afasteis assim do caminho. Acabais de golpear alguns hômens que podião e queríão servir-vos. Restabelecei depréssa os vóssos negócios, e acreditai que um herói de quinze mil libras de renda não é bastante robusto para andar só."

Ésta linguágem espantou-me de tal módo que deixei à potência que me falava toda o ensejo para estender-se à vontade. "Acabais, continuou éla, de pedir o divórcio, e vos firmastes em um ezemplo bastante decizivo. Não ha dúvida que a justiça e a razão estão convosco. Uma lei restrita, coma a que pedís, passaria sem a menór dificuldade, e seria um verdadeiro benefício. Pois bem! apezar disso, éssa lei, ha cem a apos-

tar contra um em como vós não a conseguireis.

"E' convicção minha, acrecentou ele, enquanto eu reprimia com esforço uma doloróza impaciência. A culpa é vóssa, e muito vóssa. Querer fazer-se de gigante, menosprezar estouvadamente a jerarquia, recuzar-lhe a deferência, e esplorar, por único apoio, o arsenal das vélhas palavras, não é querer reprezentar um papel de ingênuo e correr de adaga em punho numa caçada de pombos? Olhai disse ele, si vós não fôsseis moço, estarieis louco. Mas a primeira enfermidade desculpa tudo. Ofereço-vos pois minha proteção junto do embaixador de ***. Tendes traquejo social e uma nóbre figura: ao lado dele podereis ir longe. Amais uma mulhér superior, pois bem, dar-lhe-eis uma pozição condigna, e, acreditai-me, o amor dispensa muito bem o cazamento."

Quando acabou a sua tirada, meu digno mentor lançou-me um olhar significativo e afastou-se. Fui apertar a mão do conde de

J..., tão superior aos hômens de que se cérca, e voltei para Oneil com o coração enraivecido.

Rogério, em pouco tempo saberei o que ha de ezato nas palavras desse hômem, e si é verdade que não ha mais traços de justiça e de honra na sociedade atual. Lúcia é demaziado nóbre e pura para inclinar-se diante déla.

12.ª CARTA. — Lúcia a Maurício

Maurício, vóssa alma é nóbre e grande. Que coração póde ser mais digno do que o vósso de compreender a justiça e a razão? O' o milhór e o mais generozo dos hômens! vós a quem eu teria sacrificado jubilóza o repouzo de minha vida inteira, só dezejo que possais reconhecer até que ponto o vósso repouzo me tem sido caro e sagrado. Meu bem amado, em vão tentaríamos lutar mais tempo contra a sórte, seus gólpes acabárão

de despedaçar-me o coração. Ai de mim! Quando deixei-me conduzir à felicidade de amar-vos, acreditei que podia, por minha vês, derramar algum encanto sobre vóssa ezistência. Deixai-me haurir as últimas forças num grande e consolador pensamento, esperando que fareis jorrar sobre a sociedade as ondas de dedicação e amor que estão em vós. Quantas vezes não vi vóssa inteligência inflamar-se ao aspéto das chagas que cóbrem o mundo! O' Maurício! todos os sentimentos generózos são deliciózos de esperimentar. Que destino póde haver ao mesmo tempo mais nóbre e mais doce do que o do hômem útil? Não vos recordais de terdes muitas vezes invejado a póbres operários a glória de uma pequena descubérta? Ficarieis vós ociozo, vós que podeis muito mais do que eles? Meu querido e bem querido amigo, vivei para deixar imprésso sobre a térra o vósso nóbre vestígio. Quando aparéce no meio da sociedade um hômem como vós, é precizo, ou que ele traga-lhe seu tributo de

luzes e virtudes, ou que se condene ao silêncio e à frieza do egoista. Eu conheço vóssa alma, éla é rica e tempestuóza como as núvens de um bélo céu: nunca teríeis achado a felicidade no izolamento. Não renuncieis pois às alegrias da família; vóssos filhos derramarão um grande interésse sobre a vóssa ezistência. Será um prazer para vós dezenvolver neles os nóbres gérmens que de vós tivérem recebido. De seus tenros corações vós fareis outros tantos fócos de lus, dimanada da charna do vósso. Eles cercar-vos-ão de respeito e de amor. O' Maurício! não é nésta única palavra que se rezúmem todas as felicidades da vida?

ÚLTIMA CARTA

— O doutor L... ao doutor B... —

Meu vélho amigo, apróvo muito a rezolução que tomastes de, por vóssa vês, cuidar de vóssa saude. Para nós, que acredi-

tamos no bem, é um dolorozo espetáculo o désta sociedade em dezórdem, onde o que é nóbre e grande não póde mais abrir caminho. Acabo de ser mais uma vês testemunha de um desses sacrifícios que revóltão o coração e o espírito. A jóven desventurada cuja história vos escrevi estinguiu-se ôntem nos meus braços, dilacerada de dores que renuncio a pintar-vos. Alguns instantes apenas sobreviveu-lhe o hômem que éla amava: paréce ter ele querido saborear seu dezespero. Tentei trazê-lo à razão e à calma, mas foi em vão. Com um tiro nos ouvidos deu fim a seus dias junto do leito fúnebre, antes que eu tivésse podido prevenir seu funésto intento.

Aqueles que conhecêrão a interessante e desditóza mulhér cuja perda eu lamento poderão compreender a fatal paixão que éla inspirou. Éra uma déssas organizações tão raras, em que o coração e o espírito têm parte igual. Nenhuma mulhér sentia milhór do que éla a grandeza de seu papel. Teria

sido uma mãi e uma espoza compléta. Ah! vendo-a estinguir-se nos meus braços na idade em que se déve viver, pude avaliar dolorózamente o pouco poder que é dado ao hômem para reparar o mal que fás.

(Tradução do Dr. Joaquim Bagueira Leal).

CARTA DE AUGUSTO COMTE A CLOTILDE SOBRE A LÚCIA

Estrato da CORRESPONDÊNCIA SAGRADA

Décima-oitava Carta

Lunedia, 23 de Junho de 1845 (meio-dia).

Não pósso rezistir, minha cara amiga, à necessidade de agradecer-vos imediatamente as doces lágrimas que acaba de fazer-me derramar a encantadora novéla que vos esprobrei de não me haverdes concedido a graça de conhecer antes do público. Os sentimentos e as idéias que éla esprime, parecêrão-me igualmente dignos de vós, sem deixar-me siquér perceber os erros tipográficos que vos chocávão tanto Venerdia. É-me bem doce, asseguro-vos, poder, a todos os

respeitos, felicitar-vos tão sincéramente por tal estréia. Sem fazer-me lamentar os afetuózos conselhos da minha última carta sobre o conjunto da vóssa ezistência literária, esse primeiro trabalho indica-me até que ponto as vóssas próprias dispozições concórdão espontâneamente com os vótos da minha amizade, sobretudo quanto ao vóssa escrupulozo respeito contínuo dos verdadeiros princípios sociais.

Começais a conhecer assás o espírito sempre criteriózamente relativo da minha filozofia, e a repugnância radical do pozitivismo por toda régra estritamente absoluta, para sentirdes já que, apezar da minha reprovação arrazoada do divórcio, eu não poderia estender de modo algum a indissolubilidade regular do cazamento até ao cazo estremo que tão bem caraterizastes, e em relação ao qual o próprio princípio católico, no tempo do seu pleno acendente social, isto é, durante a idade-média, havia consagrado uma rezérva especiai. E' assim que, em uma

outra órdem de relações, o indispensável preceito de respeitar constantemente a verdade não impéde de módo algum a san moral de escuzar, ou mesmo de louvar, por eceção, cértas mentiras determinadas. (*)

Em todas éssas anomalias, a moral pozitiva mostrar-se-á especialmente superior à moral teológica, em que a sua natureza relativa lhe permitirá milhór adaptar-se a éssas modificações ecepcionais, sem alterar todavia a justa rigidês das suas régras habituais. Si conheceis, como prezumo, a admirável **Prizão de Edimburgo** de Walter Scott, tereis aí notado como o poéta apreciou com felicidade a fatal impossibilidade em que se achava colocada Jeannie Deans,

---

(*) No *Catecismo Pozitivista* o nósso Méstre recorda, a propozito mesmo do divórcio, que Santo Agostinho, superando, pela sua própria razão, o gênio necessàriamente absoluto da sua doutrina teológica, já havia sentido esse *relativismo* das leis morais. Com efeito, na sua óbra — *A Cidade de Deus*, livro I, Cap. XXI, — o grande doutor da Igreja Católica móstra que o homicídio póde ser ecepcionalmente justificado e até louvado, citando como exemplo o sacrifício de Abrahão. — R. T. M.

pelo caráter puramente religiozo * das suas convicções morais, de fazer, sem espor-se a si própria a uma desmoralização total, a falsa declaração que teria prezervado lógo a sua irman de uma bárbara legalidade, ao passo que uma educação razoável teria autorizado éssa piedóza mentira, deixando inteiramente intato o hábito da verdade.

Adeus, e aínda uma vês obrigado: até depois damanhan à tarde.

Todo vósso

Ate. Comte.

---

* Religiozo é aqui sinônimo de teológico. — R. T. M.

O BOUQUET SAGRADO
E
OS PENSAMENTOS DE UMA FLOR

Estrato da CORRESPONDÊNCIA SAGRADA

Centézima-nona Carta

Domingo à tarde, 30 de Novembro de 1845.

. . . . . .

. . . . Levarei as vóssas flores Mercuridia; élas são, e o são bem, o produto apurado da amizade, e a minha porteira lastima que eu não as ofereça a **Deus**. Enquanto as estava fazendo, lembrei-me de alguns vérsos que não são talvês feios, e dos quais compunha outróra volumes. Eu vo-los junto aqui, coma monumento do passado.

Vóssa de todo o coração,

Clotilde V.

OS PENSAMENTOS DE UMA FLOR

aci p'ra ser amada: ó! graças, bom Destino!
ue os soberbos mortais praguêjem teus azares!
vento os arrebate aos pés de teus altares,
tenho o meu perfume e o gozo matutino.

enho o primeiro olhar do rei da natureza,
r gala o seu fulgor, seu beijo em chama aceza;
enho um sorrir de irman da juvenil Auróra;
enho a briza nacente e a dulcidão que móra
a gota pendurada à bórda do meu cális.
enho o raio que brinca a se abismar nos vales;
enho o mago painel, a sena inigualada,
o univérso entreabrindo as pórtas da alvorada.

mais frio mortal haurir-me déve a vida:
o seio da volúpia a manso me adormeço;
e guarda a natureza o esplêndido adereço;
n seu festim de amor, despérto embevecida.

Sociedade
551.

Muita vês embelézo a formozura;
Num puro seio o meu candor se coa;
Enlaça-me o prazer n'alégre cr'oa,
E a seu lado me prende alma ventura.

Quando o rouxinol s'inspira
No meu talo em doce enleio,
Para não turvar-lhe o gorgeio
A natura inteira espira.

Amor me dis seus vótos mais secrétos;
Abrigo de seus ais grata saudade:
De seus mistérios zélo a f'licidade;
A chave sou dos corações discrétos.

O'! doce Destino, si as leis que nos baixas
Suspiros profanos pudéssem mudar,
Só eu haveria, nas diáfanas faixas,
De amor aos bafejos à vida tornar.

Da tempestade sombria
Poupa-me o horrendo furor;
Dá que sempre a leda flor
Nas tuas féstas sorria.

Clotilde de Vaux.

(Tradução de R. Teixeira Mendes).

Estrato da CORRESPONDÊNCIA SAGRADA

Centézima-décima Carta

Martedia à tarde 2 de Dezembro de 1845 (2 h.)

Embóra eu tenha désta vês bem pouca tempo, não quéro, minha caríssima amiga, deixar que chegue a vóssa boa vizita hebdomadária sem vos haver dado antes alguma respósta especial à amável carta que de novo me chama, após oito grandes dias, à felicidade de vos ler e de vos escrever. Não a tendo podido abrir lógo, o seu volume aparente me tinha a princípio tornado receiozo, porque o atribuía ao recente conflito fratérno. Fiquei pois, muitíssimo venturózamente surpreendido quando encontrei uma encantadora compozição, docemente caraterizada pela vóssa gracióza sensibilidade e filozóficamente notável, aos meus

ólhos, por uma ezímia apreciação espontânea do justo grau de fetichismo poético que a virilidade da razão humana comportará sempre. Sem a ter lido até aqui mais de duas vezes, as doces lágrimas que já lhe devo assegúrão-me que não tardarei a sabê-la toda inteira. O singular vocábulo **de cór** não terá nunca sido mais bem aplicado. * Éla já se acha arrumada, junto das vóssas preciózas cartas, no meio das minhas caras relíquias, entre as duas partes da admirável **Lúcia**. Si eu tivésse, a mais tempo, cotejado a vóssa comovente imaginação com o vósso profundo sentimento muzical, teria advinhado que a aptidão poética pela qual já vos assinalei aos meus amigos devia estender-se tanto à fórma como ao fundo Pois que me confessais, nesse gênero, numerózos ensaios anteriores, espéro que me concedereis o favor de copiar, nos vóssos "lazeres", para a

---

* Para apanhar o sentido déssa delicada fraze, convem lembrar que a palavra *cór*, segundo a sua origem latina, significa *coração* — R. T. M.

minha pequena bibliotéca íntima, todos os que julgardes dignos de subzistírem.

.....

Adeus, minha bem-amada; não temais que eu me esqueça de agradecer-vos antecipadamente as lindas flores que me trareis amanhan, embóra esse graciozo trabalho não póssa durar tanto como aquele com que me gratificastes ôntem: estou aliás todo orgulhozo por me haver achado aí em concurrência com **Deus**.

A vós o meu etérno e respeitozo amor.

Ate. Comte.

Centézima-duodécima Carta

Jovedia à tarde, 4 de Dezembro de 1845 (4 h.)

. . . . . .

Não vos testemunhei assás ôntem a admiração e o reconhecimento que tanto merécem as vóssas lindas flores. Foi inclinando-me involuntáriamente para cheirá-las que apreciei dignamente esse encantador mimo. Quem quér que contemplar éssa óbra-prima de gosto e perícia a atribuirá difícilmente a uma das mais eminentes naturezas, intelectuais ou morais, destinadas a honrar o vósso séxo servindo toda a Humanidade. A minha respeitóza adoração saberia sempre apreciar éssa rara combinação das mais altas e das mais graciózas qualidades, quando mesmo daí não rezultasse para comigo tantas amáveis manifestações de uma pura afeição.

Entre esses preciózos testemunhos, esperimento uma nóva necessidade de mencionar especialmente a encantadora composição que uma terceira leitura gravou para sempre toda inteira na memória do meu coração. A vóssa confirmação não dissipou ôntem os meus escrúpulos literários sobre a sesta estância. A força de sonhar com éla pensei que, quando escrevestes:

"Amor me dis seus vótos mais secrétos,
"Abrigo **as** doces préces no meu seio,
"Os seus mistérios **amo** em grato enleio,
"A chave sou dos corações discrétos."

quizéstes realmente escrever, mesmo pela medida e o sentido:

"Amor me dis seus vótos mais secrétos,
"Abrigo **as suas** préces no meu seio,
"**Dos** seus mistérios **zélo** o grato enleio,
"A chave sou dos corações discrétos." *

---

* E' precizo comparar as estrófes em francês, e por isso as transcrevemos. Clotilde escrevêra:

E' com éssa ligeira restituïção, que me decido a reter éssa delicióza estância, a menos que mo proïbais espréssamente.

Sobre éssa pequena óbra-prima de graça e sentimento, deveis permitir-me que eu afaste todo egoismo, insistindo para que todos os verdadeiros conhecedores sêjão chamados a partilhar da doce satisfação com que gratificastes primeiro o vósso reconhecido adorador. A felís catastrofe que preparais para Willelmina fornecer-vos-á a ocazião a mais natural de publicar convenientemente éssa arrebatadora **canzone,** com

---

"L'amour me dit tous ses secrets,
"J'abrite *les* douces prières,
"*J'aime* au bonheur ses mystères,
"Je suis la clef des cœurs discrets."

O nósso Méstre propôs que a estância fosse modificada assim:

"L'amour me dit tous ses secrets,
"J'abrite *ses* douces prières,
J'aide au bonheur *de* ses mystères,
"Je suis le clef des cœurs discrets."

R. T. M.

que Petrarca ficaria tanto mais ciozo quanto a nóssa língua não oferéce, paréce-me, modelo algum. Não coreis, incomparável amiga, pelo meu ingênuo entuziasmo: sois aliás organizada com demaziada nobreza para que uma digna glorificação se vos tórne jamais perigóza. Deveis, de résto, fazer tanto maiór empenho em tal publicação quanto já destruistes infelísmente todos os outros testemunhos especiais da vóssa espontaneidade lírica. Deixai-me entretanto esperar tambem que o curso natural dos vóssos doces trabalhos conduzirá a vóssa memória a realizar pouco a pouco o vóto pessoal que eu vos esprimi Martedia.

Amor e respeito etérnos,

Ate. Comte.

Centézima-décima-terceira Carta

Venerdia de manhan, 5 de Dezembro de 1845

. . . . . .

... Déstes-me um par de cores de carmi agradecendo-me o meu magro ramalhete espéro substituí-lo mais tarde por outro ma digno.

. . . . . .

Fazei das minhas compozições o uz que quizérdes. Eu tinha lido os **Pensamento de uma Flor** em família, onde isso foi trata do de **cóiza alambicada.** Um hômem de gost tinha achado éssa pequena compozição bo nita; e ,em virtude da vóssa opinião, fí-l achar um lugar na Willelmina. Eis aqui um outra que me veiu à lembrança, mas nã tem grande sal como idéia; eu vo-lo envi pela fórma.

Adeus, caro amigo, vóssa do coração

Clotilde de VAUX.

Estrato da VIDA DE AUGUSTO COMTE, **pelo Doutor Robinet**

Quando o sr. Lonchampt voltou, érão quatro héras: Augusto Comte achava-se mergulhado num abatimento do qual só saía, por intervalos, para lançar um olhar estinto sobre o ramalhete de flores artificiais, óbra e mimo de Clotilde de Vaux, colocado em frente ao seu leito. Este sinal de vida foi o último!...

A INFÂNCIA

Vem, criança gentil; mais pérto... que m'enca
Ver-te a madeixa loura, o meigo olhar formoz
As graças naturais que têm tanto invejozo,
A fronte onde a inocência o templo seu levanta

Vem, qu'eu gósto de ver-te o vélho pai prezand
Mais que o ledo brincar que os anos seus molé
Gósto de ver fugir ,dos beijos teus à festa,
A núvem que, no olhar matérno, ia assomando.

Gósto de ver o ancião que vai, a lento passo,
O humilde lar buscando, apoiado ao teu braço;
Gósto de ver-te a mão encheres, com carinho,
Do póbre que se senta à bórda do caminho.

Porque se hão de ir embóra encantos déssa id
Graças que as nóssas mãis com tanto amor afág
Os sonhos do porvir, porque se nos apágão?
Ah! Sim! é que é precizo um dia de saudade!

Clotilde de Vaux,

(Tradução de R. Teixeira Mendes).

UNIVERS. DE SÃO PAULO

CARTA FILOZÓFICA

sobre a Comemoração Social

Estrato da CORRESPONDÊNCIA SAGRADA

Décima-quinta Carta

Lunedia à tarde, 2 de Junho de 1845 (3 h.)

Dignai-vos, Senhóra, aceitar cordialmente, por ocazião da vóssa fésta, a pequena compozição incluza, que foi, nestes últimos dias, o doce rezultado da primeira manhan passada fóra do meu leito. Alem do motivo público muito real e muitíssimo grave aos meus ólhos, que indico no começo, não duvidareis, penso eu, que o meu coração foi secrétamente impelido pelo prazer de ocupar-me convosco e a inocente esperança

de sorpreender-vos agradávelmente. Sem que de módo algum houvésse procurado reagir assim sobre mim mesmo, esse ligeiro trabalho produziu-me todavia um efeito salutaríssimo, determinando espontâneamente uma afetuóza vólta às minhas meditações habituais, mediante a única contensão de espírito que me éra então possível por ser relativa a vós.

Podereis portanto ver tambem aí um primeiro ezemplo déssa solidariedade mais íntima que espéro estabelecer pouco a pouco, graças à nóssa precióza amizade, entre o surto dos meus mais altos pensamentos e o dos meus mais puros sentimentos. Éssa afortunada conexão vos fora já sem dúvida anunciada, em geral, na minha fatal carta de 17 de Maio: porem, éla achava-se então demaziado alterada pela sua vicióza mistura com as loucuras passageiras que tão justamente vos alarmárão. A ocazião atual atrahirá especialmente a vóssa atenção, de uma maneira mais pura e mais diréta, sobre éssa

importante correlação, dóravante tão favorável ao aperfeiçoamento da minha vida pública como à felicidade da minha vida privada.

Devo, Senhóra, aproveitar cuidadózamente de um dia que vos dispõe mais à indulgência, para solicitar de novo a plenitude do vósso perdão a respeito das **faltas, graves** embóra involuntárias, em que recentemente incorri para convosco, e que me esforçarei constantemente por fazer-vos esquecer, bem que as haja reparado quázi lógo que as cometi. Talvês deva hoje felicitar-me de não ter podido ir Venerdia à caza dos vóssos pais. A nóssa primeira entrevista tornar-se-á por isso mesmo mais satisfatória depois damanhan à tarde, operando-se assim sob o venturozo patrocínio de santa Clotilde. Oxalá tão pura lembrança venha dóravante colocar-se incessantemente diante da recordação da tormenta anterior! Éla marcará naturalmente o verdadeiro ponto de partida das nóssas serenas relações habituais, que

serão sempre dignas, ouzo assegurá-lo, de t
estréia.

Vósso amigo devotado,

Ate. Comte.

Embóra a epístola filozófica vos fos
únicamente destinada, éla está escríta
maneira a comportar, sem o menór inco
veniente, qualquér publicidade que dezeja
des dar-lhe; apróvo de antemão tudo o q
projetardes a esse respeito.

Na longa vizita que teve a bondade
fazer-me ôntem o vósso ecelente irmão, so
be dolorózamente da notável recrudecênc
da vóssa tósse nervóza que estou ouvin
agóra daqui: temo haver contribuido dem
ziado para éla em virtude das penózas em
ções que tive a desgraça de vos cauzar
cerca de quinze dias.

CARTA FILOZÓFICA
SOBRE A COMEMORAÇÃO SOCIAL

Compósta para Madame Clotilde de Vaux, por motivo de sua Fésta, pelo autor do **Sistema de Filozofia Pozitiva**

Paris, Lunedia, 2 de Junho de 1845.

Minha Senhóra,

Ligo muita importância a que me julgueis tão plenamente emancipado de todos os preconceitos irreligiózos ou metafízicos quanto dos preconceitos puramente teológicos, como na realidade estou ha muito tempo. Tendo percebido recentemente que conserváveis algumas dúvidas essenciais a este respeito, rezervava-me no meu íntimo a faculdade de as desvanecer em bréve, graças à próssima vólta de um felís ensejo perió-

dico. Festeja-se amanhan Santa Clot
vóssa padroeira. Permití, pois, mi
Senhóra, que, prevalecendo-me de um
cante costume universal, eu me ass
hoje à vóssa família para oferecer-vos
meu módo, um testemunho especial de
tuóza lembrança. Espéro que, em virtude
reflexões gerais que ésta precióza circu
tância vai levar-me a indicar-vos de
módo sumário, concebereis idéias mais ezc
sobre o caráter eminentemente social de u
filozofia que, de cérto tempo a ésta pa
tem repercutido muito em torno de vós, s
que talvês a tenhais aínda ezaminado di
tamente.

O instinto da sociabilidade, ou o ser
mento habitual da ligação de cada um
todos, estaria muito imperfeitamente d
zenvolvido si ésta relação se limitasse
prezente, como nos animais sociáveis, s
abarcar tambem o passado e mesmo o f
turo. A sociedade humana é sobretudo car
terizada pela cooperação contínua das g

rações sucessivas, fonte primeira da evolução peculiar à nossa espécie. Assim, todos os estados sociais devião ter aprezentado, cada qual a seu módo, cértas instituïções permanentes, primeiro espontâneas, depois cada vês mais sistemáticas, especialmente destinadas a manifestar similhante néxo, constituindo a cadeia dos tempos pela veneração regular dos antepassados privados e públicos. A cntiguidade ofereceu, a este respeito, poderózos recursos, apropriados à natureza de suas opiniões e ao caráter de sua civilização. Este culto das memórias foi então ezaltado amiúdo até a apoteóze propriamente dita, que seria muito injusto apreciar sómente pelos monstruózos abuzos peculiares à decadência do paganismo. Mas similhante instituïção não podia ser muito eficás sinão para as primeiras idades e em relação às castas superiores, de conformidade com o gênio imóvel e aristocrático de todas as sociedades antigas. Todos os grandes departamentos divinos devendo ter sido

em pouco tempo ocupados na organização inicial do politeismo, os nóvos deuzes sem pasta, que esse reconhecimento oficial multiplicava, raramente podião obter verdadeira importância, mesmo quando se desmembrava em proveito deles algum ofício anterior.

Substituindo, segundo o espírito de sua doutrina, a apoteóze antiga por uma simples beatificação, o monoteismo, sobretudo o cristão, muito aperfeiçoou na realidade ésta parte essencial de toda organização social. Posto que éssa substituïção necessária estimulasse menos os dezejos pessoais de uma glorióza imortalidade, éla propagava mais a seu surto, desde então indistintamente permitido a todas as condições. Sabeis, por ezemplo, minha Senhóra, que a vóssa nóbre padroeira e a sua humilde contemporânea de Naterre * tornárão-se, quázi ao mesmo tempo, objéto de um culto pelo menos igual. Ésta estensão universal do princípio de consagração permitiu em seguida que o catoli-

* Santa Genovéva — R. T. M.

cismo, órgão principal por muito tempo do progrésso social, introduzisse neste particular um admirável aperfeiçoamento, ligando nele a vida privada à vida pública. A instituïção, muito mal compreendida, dos nomes de batismo ofereceu, com efeito, a todos, não só a livre escolha de um patrocínio especial, mas tambem um nóbre modelo de imitação pessoal. Si o inevitável dezuzo das crenças teológicas houve de gradualmente estinguir o primeiro destino, nada poderá destruir nunca o segundo. Inherente às leis de nóssa natureza, ele ha de reproduzir-se dentro de pouco sob inspirações ao mesmo tempo mais sistemáticas e mais duradouras, lógo que uma verdadeira reorganização dos princípios e dos sentimentos humanos viér terminar a deplorável anarquia que carateriza o nósso tempo.

Ésta epístola filozófica degeneraria, minha Senhóra, em um tratado muito descabido, si eu désse aqui maiór dezenvolvimento às indicações precedentes. Élas bástão, po-

rem, para que a vóssa rara penetraçã póssa entrever, em geral, como é que a fil zofia pozitiva justifica plenamente esse cul católico dos santos, referindo-o ao seu ve dadeiro destino social buscado então sc as fórmas próprias ao estado correspondent da Humanidade. Será sempre um costum muito social o celebrar periódicamente a me mória de nóssos dignos predecessores, e tam bem o prescrever solenemente a cada ur de nós a imitação contínua de um deles. C verdadeiros filózofos deplórão com razão, este respeito como a tantos outros, que ésto úteis práticas estêjão hoje dezacreditadc em virtude de sua funésta aderência a dou trinas que tínhão que sucumbir sob a sua in compatibilidade final com o surto contínu da inteligência e da sociabilidade.

Quanto ao cazo individual que me in duziu, minha Senhóra, a assinalar-vos este apanhados gerais, eu não poderia dezeja outro que fosse mais apropriado a confir má-los. Nos tempos de sua decadência,

cristianismo, como outróra o paganismo, frequentes vezes abuzou, conquanto em gráu muito menór, desse grande ofício de consagração pública que lhe coubéra. Mas nada disto se póde dizer de vóssa antiga padroeira, que oferéce a todos os respeitos um dos milhóres ezemplos da canonização católica. A Igreja Romana considerou com toda razão a conversão de Clóvis como tendo influído mais do que qualquér outra conversão real, salvo a de Constantino, sobre o dezenvolvimento social da França, e mesmo de toda a República Ocidental. Óra, não se póde contestar a doce influência ezercida pela amável Clotilde para secundar os altos impulsos políticos que determinárão esse grande acontecimento. A sua longa e tranquila viuvês não foi menos nóbremente empregada em moderar as selvágens dissensões de seus filhos. Uma consagração merecida por tantas qualidades eminentes, antes morais que mentais, constitúi, a meu ver, um dos tipos mais adequados a caraterizar a

intervenção social das mulhéres, habitualmente destinada a moralizar pelo sentimento o domínio espontâneo da força material. Não fiqueis, pois, surpreendida, minha Senhóra, de que eu póssa associar-me cordialmente a meu módo, a todos os que amanhan, celebrarão, sob quaisquér fórmas, ésta interessante memória, que ninguem, ouzo dizê-lo, apreciará milhór do que eu. Quando a nóva escóla efetuar a revizão esclarecida e a retificação sistemática do calendário teológico, a vóssa cara padroeira aí conservará seus justos direitos pessoais à etérna gratidão da Humanidade. *

Em geral, minha Senhóra, ficai bem convencida de que a filozofia essencialmente pozitiva que ha de caraterizar o século XIX não vem para destruir, como antes teve que fazê-lo, a filozofia puramente negativa peculiar ao século passado. O seu objetivo

---

* De fato, Santa Clotilde ocupa no *Calendário concréto pozitivista* o Lunedia da 4.ª semana do mês de Carlos Magno. — R. T. M.

consiste sempre em construir, como rezultado final de todos os trabalhos anteriores, a órdem a um tempo estável e progressiva, que mais se coaduna com o conjunto de nóssa natureza pessoal e social. Quando conhecerdes assás o seu espírito relativo e a sua tendência orgânica, compreendereis este admirável privilégio que lhe permite combinar, pela vês primeira, sem inconsequência alguma, numa única doutrina homogênea, tudo quanto os divérsos estados anteriores pudérão já oferecer de grande ou de útil. Éla separa por toda parte o ofício contínuo que determinava o destino fundamental de cada instituição, das fórmas provizórias que sucessivamente tivérão que corresponder às diferentes idades da Humanidade, de sórte a manifestar sempre o móda final que dóravante prevalecerá dirétamente. Em uma palavra, só ésta nóva filozofia reprezenta realmente a vida coletiva de nóssa espécie, cuja marcha necessária constitúi sobretudo o seu objéto próprio, que teologia

alguma pode abarcar, e aínda menos nenhuma metafízica. As religiões, com efeito, não podíão até aqui propor a cada um sinão um fim puramente pessoal, a salvação etérna, em que a sociedade apenas póde intervir como meio, e quando muito como condição, sem nenhum destino progressivo que lhe pertença coletivamente. Durante a longa infância da Humanidade, a sabiduria sacerdotal, bem inspirado órgão do instinto universal, teve no entanto que tirar déssas construções imperfeitas uma precióza eficácia social, que o pozitivismo esplica e circunscréve. Mas esse indispensável ofício provizório não podia prezervá-las sempre da ezautoràção irrevogável em que incorrêrão gradualmente, a medida que a evolução humana aluía ao mesmo tempo o seu crédito intelectual e a sua influência moral. As denominações uzuais, * que aínda lêmbrão éssa aptidão

---

* O nósso Méstre se refére ao sentido etimológico da palavra *religião* e seus derivados, os quais, pela sua compozição, trázem todos a idéia de *unir*, *religar*, etc. — R. T. M.

primitíva para coadunar nóssas idéias e sentimentos, parécem hoje não convir mais às crenças teológicas sinão por uma espécie de ironia amarga. Com efeito, ha três séculos, pelo menos, que éstas, longe de tendêrem a unir-nos, têm degenerado evidentemente cada vês mais em fontes fecundas de dezórdens públicas e mesmo privadas. Ésta degradação rezulta, em primeiro lugar, da impotência crecente déssas construções para protegêrem as noções sociais que nélas se achávão confuzamente formuladas, e em seguida de sua própria tendência a sucitar divagações quázi indefinidas, de hoje em diante incompatíveis com qualquér sistema fixo de convicções ativas.

Não duvideis, pois, minha Senhóra, de que, quando as concepções reais tivérem enfim se tornado assás gerais, o que se está efetuando hoje sob vóssos ólhos, élas não convênhão milhór do que quaisquér quiméras a todos os nóbres destinos humanos. Em referência ao importante assunto esboçado

nésta carta, reconhéce-se sobretudo a tendência espontânea do pozitivismo a consagrar dignamente as divérsas glórias, apreciando criteriózamente suas participações respetivas na evolução fundamental da Humanidade. Quando os costumes modérnos tivérem podido adquirir, neste particular, u seu dezenvolvimento próprio, segundo os princípios convenientes, o sistéma de comemoração receberá um aperfeiçoamento geral, pelo menos equivalente ao que rezultou da substituïção do catolicismo ao politeismo. Porquanto o regímen católico éra ao mesmo tempo demaziado absoluto e demaziado estreito para ter algum dia podido preencher suficientemente este grande ofício social. Tudo que ezistira antes dele, e tudo quanto vivia fóra do seu seio, inspirava-lhe naturalmente uma céga reprovação. Sem mesmo sair de seu próprio recinto, ele não pode envolver as glórias não previstas pelas suas fórmulas imóveis. Não tendes, por ezemplo, notado com surpreza e indignação, a estra-

nha lacuna de nóssos calendários teológicos relativamente à vírgem heróica que salvou a França no décimo-quinto século? *

Quanto mais prescrutardes este grande assunto, mais reconhecereis, minha Senhóra, que só o novo regímen filozófico é que póde glorificar conjuntamente todos os tempos, todos os lugares, todas as condições sociais, e todos os gêneros de cooperação, quér públicos, quér mesmo privados. Consolidando o ativo sentimento da continuidade humana, ele alargará o seu alcance e nobilitará o seu caráter; porquanto ele compreenderá aí a consideração familiar do porvir, que o regímen anterior não podia abraçar, por não conhecer a lei geral do progrésso social. Ele popularizará o culto das memórias aínda mais que sob o catolicísmo, estendendo aos mais humildes cooperadores o sentimento habitual da convergência universal, sem nenhuma van distinção entre a órdem pública e a

---

* Joana d'Arco. — R. T. M.

órdem privada. Toda ezistência verdadeiramente honorável poderá legítimamente aspirar a alguma consagração solene, já no próprio seio da família, já na cidade, na província, na nação, e enfim, na raça inteira.

A todos os respeitos, minha Senhóra, que espírito poderia ser tão sociável como o do verdadeiro pozitivismo, único que abrange realmente o conjunto da vida humana, individual e coletiva? Os três módos simultâneos de nóssa ezistência, pensar, amar, agir, se áchão nele dirétamente combinados, em toda a sua estensão possível, por um princípio igualmente aplicável ao indivíduo e à espécie. Eles tórnão-se aí os objétos respetívos de nóssas três grandes criações contínuas, a filozofia, a poezia, e a política. A primeira sistematiza dirétamente a vida humana, estabelecendo, entre todos os nóssos pensamentos quaisquér, uma conexidade fundamental, primeira baze da órdem social. O gênio estético embeléza e nobilita toda a nóssa ezistência, idealizando dignamente os

nóssos divérsos sentimentos. Enfim, a arte social, cujo ramo principal é constituído pela moral, rége imediatamente todos os nóssos atos, públicos ou privados. Tal é a íntima solidariedade que o pozitivismo estabeléce entre os três grandes aspétos, especulativo, sentimental e ativo, peculiares à vida humana. A nóssa ezistência é aí encarada, quér no indivíduo, quér na espécie, como tendo por fim contínuo o aperfeiçoamento universal, primeiro no que se refére à nóssa condição esterior, e em seguida à nóssa natureza interior, fízica, intelectual, e sobretudo moral.

Conquanto ésta epístola seia já basturte longa, não quizéra, minha Senhóra, terminá-la sem vos assinalar o atrativo especial que a nóva filozofia déve oferecer ao vósso séxo, quando ele a conhecer milhór.

Afastando uma estéril agitação política, a escóla pozitiva vem hoje colocar no principal lugar da órdem do dia a reorganização espiritual. Daqui por diante éla fará

prevalecer a regeneração diréta das opiniõe
e dos costumes sobre a das instituïções pró
priamente ditas, que não pódem ser conve
nientemente elaboradas sinão por último. I
ésta transformação radical dos vãos debate
atuais sería seguramente muito favoráve
à influência social das mulhéres, segund
as verdadeiras leis da própria natureza déla
e da órdem universal. A intervenção femi-
nina, tão nóbremente surgida na Idade-Mé-
dia, sob o espiritualismo católico, paréce ter-
se quázi estinguido com este. Óra, as in-
surreições pessoais que o nósso tempo sucit
contra uma economia verdadeiramente fun
damental préstão-se muito pouco a reani-
mar éssa indispensável influência, que só
espiritualismo pozitivo póde agóra dezenvol-
ver convenientemente. Longe das predile-
ções especiais de vósso séxo devêrem referir-
se vanmente ao passado, élas não deverías
ver neste sinão uma espécie de indício his-
tórico da participação superior que lhe re-
zérva necessáriamente o verdadeiro futur

social. Porque, segundo a marcha invariável do progrésso humano, as influências morais têndem cada vês mais a prevalecer sobre os poderes materiais. Similhante conexão excitou sempre as simpatías femininas em favor das divérsas renovações mentais da Humanidade. A falar verdade, éla se manifestou já desde o primeiro aparecimento sistemático da filozofia pozitiva, sob o grande impulso de Descartes, que tanto acolhimento encontrou entre vósso séxo. As senhóras do século XIX não pódem a este respeito ficar aquem de suas predecessoras, quando ésta filozofia, que então não podia ser por fórma alguma social, alcança enfim a sua plena madureza. O seu principal domínio consiste dóravante nos assuntos que, por sua natureza, fornecêrão sempre o alimento essencial dos sentimentos do vósso séxo e dos pensamentos do nósso.

Uma organização, eminentemente afetiva dispõe habitualmente as mulhéres a secundárem a influência moral da força espe-

culativa sobre o poder ativo, no antagonism diário que dirige os negócios humanos. A própria pozição social délas, alheia sem se indiferente, no meio do movimento prática as erige espontâneamente em íntimos aussi liares de todo poder espiritual contra o po der temporal correspondente. Óra, o nov regímen moral para o qual têndem as socie dades modérnas ha de dezenvolver mais d que o antigo ésta afinidade natural. Com é que o vósso séxo não ha de acabar po preferir uma doutrina que fará necessária mente prevalecer a adoração das mulhéres A admirável cavalaria da Idade-Média, com primida sob as crenças teológicas, nunc tinha podido erguer este culto alem do se gundo plano. Quando a sociabilidade mo dérna houvér tomado o seu verdadeiro ca ráter, o joelho do hômem só se dobrará di ante da mulhér.

Vósso espírito e vósso coração hão d desculpar, assim o espéro, a estensão désta divérsas indicações gerais em consideraçã

de sua importância. Élas pelo menos alcançarão o seu objetivo principal, dispensando-vos, minha Senhóra, de recorrer a imensos tratados para apreciardes milhór de hoje em diante a nóva escóla, ao mesmo tempo filozófica e social. Posto que realmente dimanada da revolução franceza, vedes que éla difére profundamente de todas as escólas puramente revolucionárias. Éstas aínda têndem a destruir sem construir, quando o aplainamento prévio está ha muito suficientemente feito. Milhór do que qualquér influência metafízica, a doutrina pozitiva opõe-se radicalmente a toda retrogradação teológica. Óra, éla não proségue ésta luta acessória sinão satisfazendo mais do que o regímen primitivo a todas as necessidades, intelectuais e sociais, que motivárão o acendente desse regímen, cuja orígem e declínio éla igualmente esplica.

A lembrança de vóssa doce padroeira se me tornará daqui por diante mais cara. Ter-me-á assim fornecido uma precióza ocazião

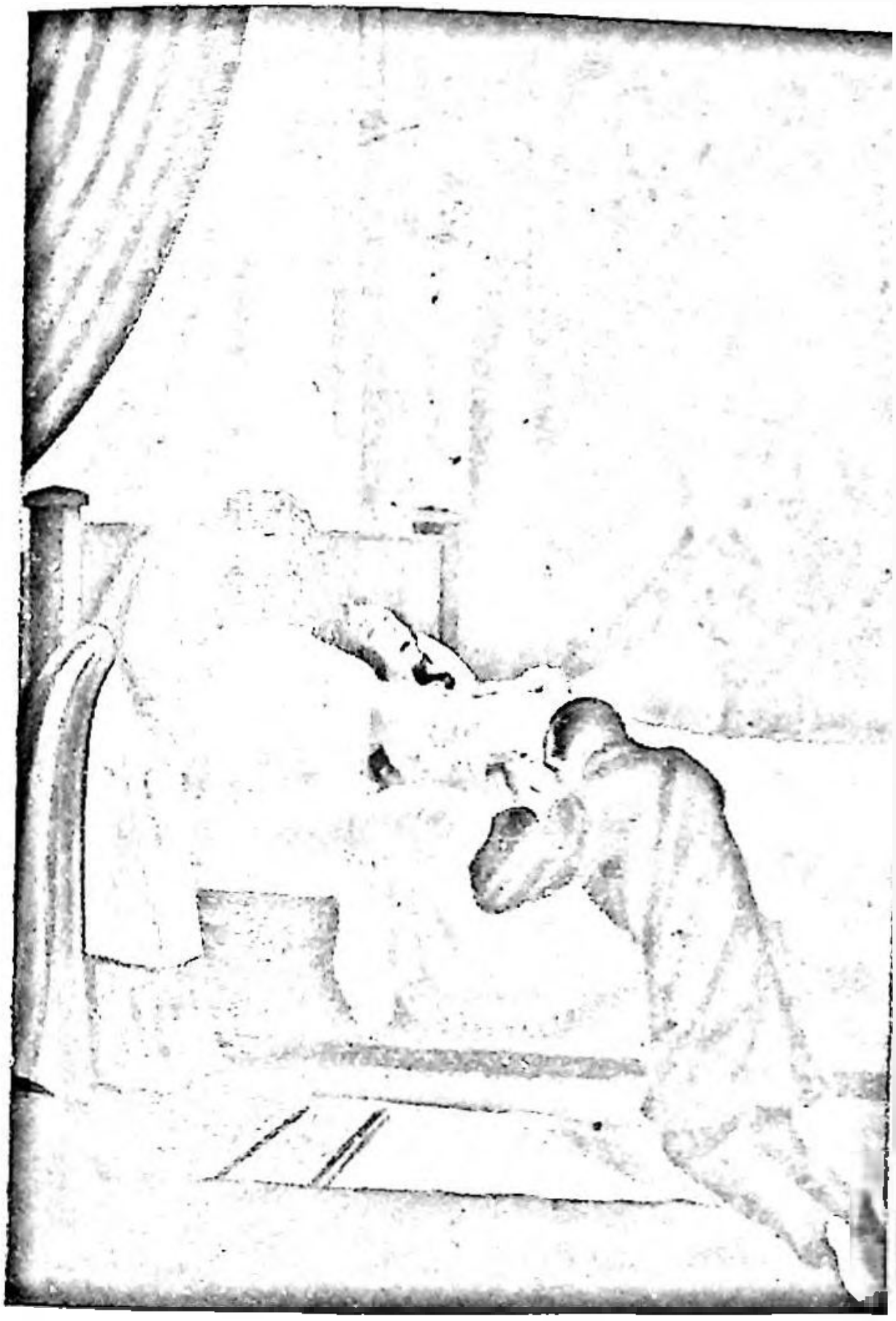
de vos fazer sentir a aptidão moral do pozi
vismo. Vedes que, sem nenhum vão eclet
mo, este novo regímen universal apropria-
naturalmente tudo o que os outros estad
da Humanidade já oferecêrão de nóbre
de salutar. Mas tambem afasta criteriôz
mente as fórmas passageiras que, a princ
pio indispensáveis às fundações correspo
dentes, alterárão em seguida a sua eficác
social, que a escóla nóva tende sempre
consolidar e a aperfeiçoar.

Dignai-vos aceitar bondózamente, m
nha Senhóra, os vótos sincéros que este d
recórda mais vivamente ao

vósso respeitozo amigo,

Augusto COMTE.

(Tradução de Miguel Lemos).



TEMPLO DA HUMANIDADE
NO
RIO DE JANEIRO
A morte de Clotilde,
a santissima Inspiradora de
Augusto Comte
(Idealização do pintor brazileiro Décio Vilares)

O Amor por principio,
E a órdem por baze;
O progrésso por fim

Órdem e progrésso.
Viver para outrem.
Viver às claras.

ORAÇÕES QUOTIDIANAS

Instituídas no Venerdia-Santo, 10 de Abril de 1846

Revistas primeiro a 6 de Abril de 1849, depois a 26 de Agosto de 1853, enfim a 25 de Dezembro de 1855, (após o depózito do meu Testamento), e complétamente reescritas no *Venerdia-Santo* 10 de Abril de 1857.

ORAÇÃO DA MANHAN (de 5 hóras 1/2 a 6 hóras 1/2)

Comemoração (40 m), de joelhos diante do seu **altar**

PREÂMBULO (5 minutos)

1.º imágem normal da véspera

Este culto de amor e reconhecimento não póde jamais cessar de aliviar-me e sobretudo de milhorar-me.

Amar inda é milhór que ser amado.
Não ha nada real no mundo sinão amar.

Oh amanza del solo amore, o diva,
Non é l'affezione mia tanto profunda
Che basti à render voi grazia per grazia.

2.º Imágem ecepcional da véspera

E' únicamente a ti, minha santa Clotilde, que eu devo não deixar a vida sem haver dignamente esperimentado as milhóres emoções da natureza humana. Um ano incomparável fês espontâneamente surgir o único amor, ao mesmo tempo puro e profundo, que o meu destino comportava. A ecelência do ente adorado permitiu à minha maturidade, mais bem tratada do que a minha juventude, entrever, em toda a sua plenitude, a verdadeira felicidade humana: **Viver para âutrem.** Eis aí a verdadeira felicidade, como o verdadeiro dever! Só tu me ensinaste a fundir as suas fórmulas! Que prazeres pódem sobrepujar os da dedicação? Para tornar-me um verdadeiro filózofo, fal-

tava-me sobretudo uma paixão, ao mesmo tempo profunda e pura, que me fizésse assás apreciar a parte afetiva da natureza humana.

A gente se canса de pensar, e mesmo de agir; jamais se canса de amar, nem de o dizer.

No meio dos mais graves tormentos que póssão jamais rezultar da afeição, não cessei de sentir que o essencial para a felicidade é sempre ter o coração dignamente cheio... mesmo de dor, sim, mesmo de dor, da mais amarga dor.

Sagrada es yà mi passion.
La divinizô la muerte!

Comemoração especial (15 minutos)

Meditação sobre as nóssas principais lembranças peculiares a este dia da semana, sob as imágens normais que a ele se referem.

Sagrada es yà, etc.

Mai non t'appresentò natura odarte
Piacer, quanto le belle membra in ch'io
Rinchiusa fui e che son terra sparte:
E se'l sommo piacer si ti fallio
Per la mia morte, qual cosa mortale
Dovrà poi trarre te nel suo disio?

Comemoração geral (20 minutos)

Imágem principal deste dia

Non, quella che'mparadisa la mia mente, a tua mórte mesmo não quebrará jamais o vínculo fundado na minha afeição, a minha estima, e o meu respeito.

Revista cronológica de todas as nóssas lembranças essenciais mediante as passágens correspondentes das nóssas cartas

Vim agradecer-vos, Senhor, o vósso encantador mimo. (A sua vizita do Lunedia 2 de Junho de 1845, com a sua mãi e o seu irmão).

INICIAÇÃO FUNDAMENTAL

Junho. — **Estima.** Deixai-me livremente trabalhar no vósso aperfeiçoamento, pois que é a minha principal maneira de ocupar-me com a vóssa felicidade, que me será sempre cara, sêjão quais fôrem o gráu e a fórma pelos quais póssa concorrer para éla. (A minha carta de 6 de Junho).

E' indigno dos grandes corações derramar as perturbações que sêntem. (A sua **Lúcia,** publicada a 20 de Junho).

Julho. — **Confiança.** O meu coração vê finalmente em vós, na realidade prezente, uma perfeita amiga, e, nos meus sonhos de futuro, uma santa espoza. (A minha carta de 3 de Julho.)

Eu vos estendo a mão bem sincéramente, eu vos sou térnamente devotada, e terei sempre prazer em proporcionar-vos, nas nóssas relações, toda a felicidade de que pósso dispor: vóssa de coração. (A sua carta de 4 de Julho).

Agosto. — Afeição. O meu surto diréto do amor universal se consuma sob a estimulação contínua do nósso puro apego. (A minha carta de 5 de Agosto).

Adeus, caro e digno amigo; vêdes que eu vos aprecio, e creio em vós: contai com o coração de Clotilde de Vaux. (A sua carta de 11 de Agosto).

A cada suspensão do meu trabalho, a vóssa cara imágem vólta docemente a apoderar-se de mim: longe de prejudicar depois a minha meditação, éla a sustenta e a anima. (A minha carta de 26 de Agosto).

CRIZE DECIZIVA

Setembro. — Si crêdes poder aceitar todas as responsabilidades que se prêndem à vida de família, dizei-mo, e decidirei da minha sórte... Eu vos confio o meu résto de vida. (A sua carta de 5 de Setembro).

Eis o meu plano de vida: a afeição e o pensamento. (A sua carta de 6 de Setembro).

Sinto-me aínda desgraçadamente impotente para o que ultrapassa os limites da afeição. Ninguem apreciar-vos-á como eu o faço; e o que não me inspirais, nenhum hômem mais mo inspira; porem o passado fás-me aínda mal, e foi um erro meu querer arrostá-lo. Sêde generozo a todos os respeitos, como o sois a cértos. Deixai-me o tempo e o trabalho, espôr-nos-íamos agóra a cruéis pezares. (A sua carta de 8 de Setembro).

Desde a Santa-Clotilde, verdadeiro início das nóssas relações seguidas, nenhum pensamento carnal tinha até então, quér na vóssa prezença, quér mesmo na vóssa auzência, jamais perturbado a minha íntima adoração. Retomo pois, sem esforço, os meus caros hábitos de ternura cavalheiresca. (A minha carta de 10 de Setembro).

Sinto quanto vos amo de coração vendo-vos sofrer. (A sua carta de 13 de Setembro).

Compreendi, milhór do que ninguem, a fraqueza da nóssa natureza, quando éla não é dirigida para um alvo elevado, que seja inacessível às paixões... Réstão-me ao menos fontes de ensinamento para os outros; é aínda um interésse real na minha vida; quéro esplorá-lo... Contai com tudo que eu tenho de bom e de afetuozo no coração. (A sua carta de 14 de Setembro).

Envio-vos o dom do coração com os simples atavios que lhe deu a natureza; o pensamento é o único artista capás de ornar similhantes nadas. O meu proveito próprio está em ser-vos agradável, e compenetrar-me da sinceridade do vósso apego, ao qual ligo todo o apreço que meréce. (A sua carta de 25 de Setembro).

Não encontrei aínda sinão em vós a equidade unida a amplas ezigências do coração... Porque não vos conheci eu mais cedo? (A sua carta de Garges)!

Amêmo-nos profundamente, cada um à sua maneira, e poderemos aínda ser ver-

dadeiramente felizes um pelo outro. (A minha carta de 2 de Outubro).

TRANZIÇÃO FINAL

Outubro. — Espansão total. Caminhemos apoiados um ao outro, meu caro filózofo, deixemos que o tempo nos guie e nos fórme. (A sua carta de 4 de Outubro).

As vóssas cartas cáuzão-me sempre prazer e sempre me fázem bem... Adeus, caro hômem, amai-me, e ficai cérto que vo-lo retribúo bem. (A sua carta de 18 de Outubro).

A nóssa espécie, mais do que as outras, preciza de deveres para fazer sentimentos. (A sua carta de 25 de Outubro).

Eis aí o que eu compreendo milhór do XIX século: é a tendência universal dos seres para a razão em toda a sua simplicidade. Vendo as mais modéstas inteligências participárem naturalmente e sem esforço de todas as luzes obtidas, sinto cada dia mais que a siência não caréce sinão rezidir no

ápice das sociedades para enriquecê-las na sua massa inteira: e, palavra, que me consólo de não ter sido iniciada nas maravilhas do quadrado de hipotenuza. (A sua carta de 30 de Outubro).

Novembro. — Abandono sem rezérva. Si fosse precizo que não me amásseis sinão um quarto de hóra por dia para o vósso repouzo, eu dezejaria, de todo o meu coração, que isso se désse desde amanhan. (A sua carta de 2 de Novembro).

Aqueço-me e visto-me como mulhér delicada, graças a vós. (A sua carta de 8 de Novembro).

A vós, em tróca, o pensamento tão doce de haverdes reanimado um ente aniquilado, e vertido o bálsamo em um coração ulcerado. (A sua carta de 9 de Novembro)!

Oxalá estivésse eu cérta de tornar-vos felís por vínculos mais íntimos! eu não hezitaria em formá-los. (A sua carta de 18 de Novembro).

Sois o milhór dos hômens; tendes sido para mim um amigo incomparável; e sinto-me tão honrada como felís pelo vósso apego. (A sua carta de 23 de Novembro).

E', pois, únicamente a vós, minha Clotilde, que deverei não mais deixar a vida sem ter dignamente esperimentado as milhóres emoções da natureza humana. (A minha carta de 24 de Novembro).

Dezembro. — Familiaridade contínua. Congracêmo-nos habitualmente, minha Lúcia, em torno déssas sublimes concepções, que lígão dirétamente a nóssa afeição mútua ao conjunto da evolução humana. (A minha carta de 9 de Dezembro).

Contai com o apego mais térno que eu pósso esperimentar... Tenho por vós hoje mais do que o coração de uma parenta... E' precizo que não esteja em meu poder o tornar-vos felís para não o fazer... Seja qual for a nóssa sórte, espéro que só a mórte quebrará o laço fundado na minha

afeição, a minha estima, e o meu respeito. (A sua carta de 10 de Dezembro).

Esse incomparável ano fês surgir em mim o único amor, a um tempo puro e profundo, que comportava o meu destino. A ecelência do ente adorado permite à minha madureza, mais bem tratada do que a minha juventude, de entrever em toda a sua plenitude, a verdadeira felicidade humana. (A minha carta de 26 de Dezembro).

ESTADO NORMAL

(Imágens especiais e fixas)

Janeiro. Intimidade compléta. Tendes o coração de um cavalheiro, meu ecelente filózofo. (A sua carta de 8 de Janeiro).

Todos nós temos aínda um pé no ar sobre o limiar da verdade... Só posso haurir a minha moral no meu coração, e edificá-la sobre o puro sentimento. E' esse, de résto, o quinhão de uma mulhér, e basta.

Ela ganha em caminhar modéstamente atrás do préstito dos renovadores, embóra tenha de perder assim um pouco do seu elance... Si eu fosse hômem, teríeis em mim um discípulo entuziasta: ofereço-vos, como indenização, uma sincéra admiradora. (A sua carta de 15 de Janeiro).

O vósso nóbre acendente ligou profundamente o surto habitual dos meus mais altos pensamentos aos dos meus mais térnos sentimentos. Não fiqueis pois surpreza que eu queira secrétamente inaugurar este décimo-sesto serviço anual por uma lembrança especial da minha bem-amada. Ésta curta efuzão déve me preparar milhór para o ministério que vou dezempenhar, fazendo espontâneamente prevalecer a dispozição dalma mais favorável ao meu ofício filozófico (A minha carta de 25 de Janeiro).

Fevereiro. — Perfeita identidade. O vósso coração é o santuário onde depozito tudo o que constitúi a minha vida: os pequenos

como os grandes acontecimentos, tudo deia vos é conhecido; e sabeis que aínda não fís mal sinão a mim. (A sua carta de 12 de Fevereiro).

Nas minhas hóras de sofrimento, a vóssa imágem paira sempre diante de mim. (A sua carta de 23 de Fevereiro).

As almas ardentes e escrupulózas encôntrão muitos Gólgotas neste mundo; mas, pelo menos, élas escápão a miúdo aos pezares como aos remórsos. (A sua carta de 24 de Fevereiro).

Março. — União definitiva. Os máus precízão muitas vezes mais de piedade do que os bons (A sua carta de 2 de Março).

Tenho muitas coizas amigáveis a dizer-vos. E' força cessar por hoje. Recebei a etérna segurança da minha ternura. (Fim da sua 86.ª e última carta, de 8 de Março de 1846).

Para tornar-me um perfeito filózofo, faltáva-me sobretudo uma paixão, ao mesmo tempo profunda e pura, que me fizésse

assás apreciar a parte afetiva da natureza humana. (A minha carta de 11 de Março).

No meio dos mais graves tormentos que póssão jamais rezultar da afeição, não cessei de sentir que o essencial para a felicidade é sempre ter o coração dignamente cheio. (A minha 95.ª e última carta, de 18 e 20 de Março de 1846).

Vós me haveis de dar um cacho dos vóssos cabelos. (A sua efuzão verbal de 20 de Março).

Hoje me fizéstes profundamente sentir o valor da vóssa nóbre pureza, que nos permitiu, perante a vóssa mãi, conservar térnamente a vóssa mão nas minhas, enquanto eu contemplava a angélica fizionomia cuja suave beleza tórna-se mais tocante pela sua alteração passageira. (Fim da minha última carta).

Não tenho beleza alguma, tenho apenas um pouco de espressão. (A sua efuzão verbal de 22 de Março).

CONCLUZÃO !

Abril! — Eu quizéra bem ir dormir em vóssa caza (O seu vóto de 1.º de Abril de manhan diante da sua mãi).

Fostes desconhecida, mas eu vos farei apreciar... Não, jamais nenhuma outra... (A minha efuzão verbal de 2 de Abril, perante a sua família, depois da sua estrema unção).

Não tereis tido uma companheira por muito tempo! (Durante a nóssa única noite, de 2 para 3 de Abril de 1846!)

Senhóra, vós amais a vóssa filha como um objéto de dominação, e não como um objéto de afeição. (A minha esprobração à sua mãi, perante éla, a 4 de Abril).

Comte, lembra-te que eu sofro, sem o haver merecido!... (As suas últimas palavras distintas, nítidamente repetidas cinco vezes seguidas, no Domingo à tarde 5 de Abril de 1846, por vólta das 3 hóras da tarde, uma meia hóra antes de espirar!!!)

Sim, a tua mórte mesma consolida para sempre o laço fundado na minha afeição. a minha estima, e o meu respeito!

Sagrada es yà, etc.

EFUZÃO (20 minutos)

1.º de joelhos diante das suas flores (5 minutos)

Imágem de 27 de Agosto de 1851.

Nóbre e térna padroeira, **quella ch'imparadisa la mia mente,** a tua adorável influência etérna milhorou profundamente o conjunto da minha natureza, moral, intelectual, e mesmo fízica. Agradeço-te sobretudo o me haveres espontâneamente inspirado éssa pureza, cujo verdadeiro valor, até ti, ignorava, mas que, espéro eu, continuará a sobreviver-te sem alteração, graças à perzistência natural do teu involuntário acendente. A tua angélica inspiração déve de mais em

mais dominar todo o résto da minha vida, tanto pública como privada, para prezidir aínda ao meu inesgotável aperfeiçoamento apurando os meus sentimentos, engrandecendo os meus pensamentos, enobrecendo a minha conduta.

Imágem final. — Mórta, como viva minha santa Lúcia, tu déves sempre permanecer o verdadeiro centro da segunda vida de que te sou essencialmente devedor. A tua doloróza transformação de uma triste ezistência em uma glorióza eternidade não déve jamais alterar a diviza familiar que eu te fís aceitar, amor e respeito etérnos!

Imágem de 27 de Agosto de 1856.

Ah! se'l sommo piacer si mi fallio
Per la tua morte, qual cosa mortale
Potrà mai trarre me nel suo disio?
Oh, nulla, nulla, giammai,
Es hombre vil, es infame,

El que, solamente atento
A lo bruto del deseo,
Viendo perdido lo mas
Se contenta con lo ménos!

2.º **De pé junto do altar** (10 minutos)

Imágem de 5 de Outubro de 1851. — Minha cara filha, como foi cedo destruida a incomparável felicidade que te trousse tão tarde um laço santamente ecepcional (já me lamentei bastante, é a ti que eu devo lamentar)! Para mim mesmo, éla não está destruida, éla está apenas transformada; éla é agóra inalterável. Apezar da catástrofe, a minha situação final ultrapassou cada vês mais tudo o que eu podia esperar, e mesmo sonhar, antes de ti. Sobretudo, a minha virtuóza paixão não déve jamais perder a sua aptidão natural para secundar atívamente a alta missão social que, desde então me absorvendo todo inteiro, me pode só oferecer uma santa compensação pessoal, cada vês mais precióza à medida que tu te

achas néla mais bem incorporada. Os deveres do casto espozo continuárão a fortificar os do filózofo, quando tive de cessar de trabalhar no teu aperfeiçoamento para aspirar à tua glorificação.

Imágem de 11 de Fevereiro de 1852. — Caro anjo menosprezado, o teu admirável acendente não se tornou dignamente apreciável sinão dispondo-me sempre a milhór servir o Grão-Ser ao qual te sinto irrevogávelmente incorporada e cuja milhór personificação me oferéces. Durante um ano sem par, o teu doce impulso espontâneo facilitou profundamente o pleno surto do verdadeiro caráter finalmente peculiar à minha filozofia: a sistematização real de toda a ezistência humana mediante a preponderância fundamental do coração sobre o espírito, consagrando a inteligência ao serviço contínuo da sociabilidade.

O Amor por princípio, e a Órdem por baze; o Progrésso por fim. O Amor procura

a órdem e impéle para o progrésso; a Órdem consolida o amor e dirige o progrésso; o Progrésso dezenvólve a órdem e recondús para o amor.

Um, união, unidade, continuïdade; **dois,** arranjo, combinação; e **três,** evolução, sucessão.

O amor universal, assistido pela fé demonstrável, dirige a atividade pacífica.

O hômem tórna-se cada vês mais religiozo.

Agir por afeição, e pensar para agir.

Referindo tudo à Humanidade, a unidade tórna-se mais compléta e mais estável do que nos esforçando por tudo religar a Deus.

A submissão é a baze do aperfeiçoamento.

Adeus, minha casta companheira etérna! Adeus, minha bem-amada Lúcia! Adeus, minha dicípula querida e minha digna coléga!

(Lembranças intercaladas do meu vélho amigo Carlos Bonnin e da sua desventurada filha Vitória).

A mim cumpre obter, pelos meus nóbres trabalhos, que o teu nome se tórne inseparável do meu, nas mais longínquas lembranças da humanidade reconhecida.

A pedra do sepulcro é o teu primeiro altar.

Addio, sorella! Addio, cara figlia! Addio, casta sposa! Addio, sancta madre! Vergine madre, figlia del tuo figlio, Addio!

Oh, amanza, etc.

(Reprodução, de joelhos, com os ólhos abértos, da segunda parte do preâmbulo, sob a imágem fixa de 11 de Fevereiro de 1852).

3.º CONCLUZÃO (**5 minutos**)

De joelhos diante do altar recobérto

1. — (Quadro da minha verdadeira família, objetiva e subjetiva, reunida, com os

meus principais dicípulos, no Domingo 4 de Setembro de 1870, em Montpellier * no único domicílio a que se reférem as minhas lembranças do país natal).

A venerável imágem de Rozália Boyer foi se combinando de mais em mais com a amável prezença de Clotilde de Vaux, primeiro na minha vizita hebdomadária à tumba querida, em seguida durante as minhas orações quotidianas.

II. — **Imágem da tumba querida**. — Rozália, Lúcia, Sofia, o vósso virtuozo conjunto, dóravante inalterável, déve sempre oferecer-me o milhór tipo da verdadeira natureza feminina. Sob a vóssa inspiração contínua, sistematizei milhór a influência, pública e privada, do séxo afetivo, como o primeiro fundamento da regeneração final.

---

* 4 de Setembro é o dia em que a Igreja Católica celébra a fésta de Santa Rozália; em 1870 caía em Domingo. Esse quadro referia-se a um ideal que o nósso Méstre fazia da sua velhice e que a mórte não permitiu realizar-se — R.T.M.

Aquéla de vós que sobrevive reanima, sem o saber, o santo impulso das outras duas, pelo doce espetáculo contínuo do nósso estado normal, a inteligência e a atividade livremente subordinadas ao sentimento. Póssa a minha justa gratidão pública tornar os vóssos três nomes igualmente inseparáveis do meu para a Posteridade reconhecida! Ouzei públicamente terminar a minha construção religióza encarregando todos os meus dicípulos de ambos os séxos de obter, como principal recompensa dos meus serviços, a minha solene inhumação no meio de vós três, em nome do Grão-Ser, ao qual seremos irrevogávelmente incorporados. *

O que não faria eu, minha santa Lúcia, para merecer plenamente a tumba comum diante da qual virá dignamente inclinar-se a bandeira coletiva do Ocidente regenerado!

---

* Desde 1849 que o nósso Méstre terminava a sua *Oração da manhan* com esse vóto que infelismente não pôde ser cumprido até hoje (Vide a *Política Pozitiva*, IV, ps. 553 e 554).

III. — (Á minha etérna companheira). Amem te plus quàm me, nec me nisi propter te! *

(Á Humanidade no seu templo, diante do seu altar-mór). Amem te plus quàm me, nec me nisi propter te!

(Á minha nóbre padroeira, como personificando a Humanidade). Vergine-madre, Figlia del tuo figlio, amem te plus quàm me, nec me nisi propter te!

Tre dolci, nomi ha' in te raccolti
Sposa, madre, e figliuola!

(Petrarca).

(Introduzido no Domingo 25 de Cezar de 69). **

---

* Ame-te a ti mais do que a mim. e não me ame a mim sinão por amor de ti! — R. T. M.

** 17 de Maio de 1857. — R. T. M.

Imágens Hebdomadárias (51)

31 Normais

Lunedia. — 2 de Junho de 1845, 30 de Junho, 25 de Agosto.

Martedia. — 29 de Abril de 1845, 12 de Agosto, 26 de Agosto, 31 de Março de 1846, (14 de Abril de 1846).

Mercuridia. — 27 de Agosto de 1845, 12 de Novembro, 14 de Janeiro de 1846, 11 de Fevereiro, 1.º de Abril.

Jovedia. — 26 de Junho de 1845, 28 de Agosto, 16 de Outubro, (28 de Agosto de 1851). *

Venerdia. — 16 de Maio de 1845, 18 de Julho, 8 de Agosto, 29 de Agosto, 20 de Março de 1846.

Sábado. — 11 de Outubro de 1845, 7 de Fevereiro de 1846, 28 de Fevereiro, 7 de Março, 28 de Março.

---

* Introduzida em 1.º de Cézar de 69.

Domingo. — 7 de Setembro de 1845, 5 de Outubro, 29 de Março de 1846, (4 de Abril de 1847).

20 Ecepcionais

Lunedia. — 9 de Junho de 1845, 30 de Março de 1846.

Martedia. — 13 de Maio de 1845, 25 de Novembro, (3 de Junho de 1851), (3 de Junho de 1856).

Mercuridia. — 2 de Julho de 1845, 20 de Agosto, 3 de Setembro, (15 de Abril de 1846), (11 de Abril de 1855).

Jovedia. — 24 de Abril de 1845, 2 de Abril de 1846!

Venerdia. — 3 de Abril de 1846! (11 de Janeiro de 1856), (10 de Abril de 1857).

Sábado. — 6 de Dezembro de 1845, 14 de Fevereiro de 1846, 4 de Abril !

Domingo. — 5 de Abril de 1846!!!

ORAÇÃO DA NOITE (uma meia hóra)

(Na cama, sentado)

1.º Comemoração (10 minutos)

Lembrança precióza da minha mocidade, companheiro e guia das hóras santas que soárão para mim, evóca sempre ao meu coração as cerimônias grandes e suaves da capéla do convento!... (A sua inscripção de 1837 na **Journée du chrétien** que éla me deu, no Domingo 29 de Março de 1846, como o seu livro uzual no convento da Legião de Honra, rua Barbette). *

Comte, lembra-te que eu sofro sem o haver merecido!!! (As suas últimas palavras, que eu inscrevi nesse mesmo livro, diante de Sofia, hóra e meia depois que as ouvimos).

---

* O nósso Méstre lia algumas páginas desse livrinho todos os Domingos à tarde, desde a mórte de Clotilde. (Vide VOLUME SAGRADO, *Testamento*, p. 18). — R. T. M.

Imágem principal do dia. — Sim, a tua mórte mesma consolida para sempre o laço fundado na minha afeição, a minha estima, e o meu respeito.

Mai non t'appresentò, etc.
Oh amanza, etc.

2º EFUZÃO (**15 minutos**)

Imágem de 28 de Fevereiro de 1852. — Sob a tua poderóza invocação, a mais doloróza crize da minha vida íntima me tornou finalmente milhór, a todos os respeitos, dezenvolvendo, embóra só, os santos gérmens cuja evolução tardia porem deciziva devi sobretudo a ti. A idade das paixões privadas ficou então terminada para mim: podia éla acabar mais dignamente? Devi a partir desse momento entregar-me escluzivamente à eminente paixão, que, desde a minha adolecência, votou sempre a minha vida ao serviço fundamental da Humanidade. Prosse-

guindo a minha sublime missão, devo constantemente abençoar a tua salutar influência, que não poderá jamais cessar de prezidir ao meu principal aperfeiçoamento. A preponderância sistemática do amor universal gradualmente emanada da minha filozofia não teria podido sem ti se me tornar assás familiar, apezar da felís preparação já rezultante do surto espontâneo dos meus gostos estéticos.

As minhas íntimas satisfações não devêrão desde então provir sinão de um culto assíduo das puras e nóbres lembranças que me deixou, para sempre, o nósso incomparável ano de virtuóza ternura recíproca. Esse culto de amor e reconhecimento não póde jamais cessar de aliviar-me e sobretudo de milhorar-me. Sob as tuas divérsas imágens tu nele me lembrarás sempre quanto, máu grado a catástrofe, a minha situação final ultrapassa tudo o que eu podia esperar, e mesmo sonhar, antes de ti. Quanto mais se dezenvólve a harmonia sem ezemplo que te

devo entre a minha vida privada e a minha vida pública, tanto milhór tu te incorpóras, aos ólhos dos meus verdadeiros dicípulos, a cada módo da minha ezistência. A nóssa perfeita identificação tornar-se-á a milhór recompensa de todos os nóssos serviços, talvês mesmo antes que a bandeira universal venha solenemente inclinar-se sobre o nósso comum esquife.

Imágem de 20 de Agosto de 1851

Ah! se'l sommo piacer si mi fallia
Per la tua morte, qual cosa mortale
Potrà mai trarre me nel suo disio!

(Reprodução da segunda parte do preâmbulo da manhan).

Addio, la mia Béatrice! Addio, Clotilde! Addio, Lucia! Addio, quella che' mparadisa la mia mente, Addio!

(**Imágem da tumba querida**). A pédra do sepulcro é o teu primeiro altar.

Tre dolci nomi, etc.

A submissão é a baze do aperfeiçoamento

3.º CONCLUZÃO (5 minutos)

(Deitado)

(**Imágem principal do dia**). E' indigno dos grandes corações derramar as perturbações que sêntem.

A nóssa espécie, mais do que as outras caréce de deveres para fazer sentimentos

Os máus têm a miúdo mais precizão de piedade do que os bons.

O Amor por princípio. e a Órdem por baze; o Progrésso por fim.

Virgine-Madre, Figlia del tuo figlio Amem te plus quàm me, nec me nisi propter te !

Viver para outrem — A Família, a Pátria, a Humanidade. — Viver às claras.

ORAÇÃO DO MEIO DO DIA

(A's 10 h. 1/2 em ponto. — 20 minutos)

1.ª Comemoração (10 minutos)

Imágem de 7 de Março de 1846.

Oh! amanza, etc.

(A sua última carta). Meu caro amigo, eis aqui o résto das forças das quais contavc dar-vos a milhór parte. A boa Sofia teve as alvíçaras délas, e ter-vos-á contado o meu ato de autoridade quanto às **rózas:** estou me dando muito bem com as ter substituído pela água de arrôs e o marmélo.

Queria, ha muito tempo, falar-vos de vós, e ôntem esperava ter forças para tal: mas, é uma coiza assentada, máu grado toda a ternura que me impéle para vós, a vóssa ezaltação obriga-me a voltar à pena.

Caro amigo, o vósso apego tórna-me bem venturóza, e por vezes bem pensativa:

pergunto-me a mim mesma si algum dia não me pedireis contas déssas distrações violentas atiradas no meio da vóssa vida pública; de um laço que devia ser todo doçura, fazeis uma sórte de adstringente apimentado que dissipa o vósso tempo, o vósso pensamento, e que não reage sinão sobre mim... Enganais-vos quando dizeis que a amizade não ama: eu nunca ouzei ser eu-mesma convosco (e não volteis às coizas vulgares ou grosseiras que supuzéstes outróra). Quando me sirvo da palavra **ouzar,** é que éla convem perfeitamente. Si estivéssemos ambos calmos, eu vos provaria que a amizade sabe ser térna e ardente; eis porque patrocino o nósso apego com todos os nomes mais doces e mais santos: é para conduzí-lo a fazer-me lugar ao vósso lado junto do fogo.

Tudo isso péde ser dezenvolvido, e eu vos prometo ocupar-me de tal lógo que o pudér. Tenho vizitas de sabre para dois dias: nem sei mesmo si isso me fará bem.

Tenho muitas coizas amigáveis a dizer-vos. E' força cessar por hoje. Recebei a etérna segurança da minha ternura.

Sim, minha nóbre padroeira, eu a recebo respeitózamente, como o principal tezouro de toda a minha segunda vida.

(Imágem final).

Illa, graves oculos conata attollere, rursùs
Deficit; infixum stridit sub pectore vulnus.
Ter sese attollens, cubitoque adnixa, levavit:
Ter revoluta toro est, oculisque errantibus
[alto
Quœsivit cœlo lucem, in gemuitque repertâ.
(Virgílio.)

(Beijando o meu cacho portátil dos seus cabelos). Reconhecimento, Saudades, Rezignação. — A submissão é a baze do aperfeiçoamento.

Imágem de 29 de Abril de 1845. — A vista completou o encanto do ouvido... **Gli occhi smeraldi!**

(**A sua primeira carta**). As vóssas bondades tórnão-me bem felís e bem orgulhóza, Senhor; e não me sinto com paciência de esperar milhór ocazião para dizer-vos todo o prazer que me cauzou **Tom Jones**.

Pois que a vóssa superioridade não vos impéde de fazer tudo para todos, regozijo-me com a esperança de conversar convosco acerca déssa pequena óbra-prima, e poder recolher por vezes no meu coração e no meu espírito os vóssos bélos e nóbres ensinamentos.

Aceitai, Senhor, com a espressão de todo o meu reconhecimento, a da minha grandíssima consideração.

(**A minha respósta**). Senhóra, não pósso tão pouco esperar até a venturóza ocazião de vos tornar a ver, para testemunhar-vos quanto me tocou o preciozo acolhimento com que vos dignais gratificar um léve sinal de atenção, apenas recomendável por uma pressuróza oportunidade, aliás demaziado natural para convosco.

O apreço que tendes a benevolência de ligar à minha conversação, anima-me a declarar-vos que eu veria com muita satisfação multiplicárem-se tais relações tanto quanto o crerdes conveniente. Fui muitas vezes julgado pouco sociável, por falta de achar, nos outros, uma dispozição de espírito, e sobretudo de coração, suficientemente em harmonía com a minha. Mas nem por isso apreciei sempre menos, no fundo, éssa doce tróca de sentimentos e pensamentos como a principal fonte da felicidade humana, quando as condições de tal comércio pódem ser dignamente preenchidas. O confiante abandono que prás-me esperimentar junto dos vóssos pais déve indicar-vos assás a minha tendência natural a saborear convenientemente o vósso amável entretenimento. Alem da elevação de idéias e da nobreza de sentimentos que parécem peculiares a toda a vóssa interessante família, uma triste conformidade moral de situação pessoal constitúi aínda, entre vós e mim, uma aprossimação mais especial.

Aceitai, Senhóra, de novo a segurança bem sincéra do afetuozo respeito do vósso devotado criado.

2.º EFUZÃO (7 minutos)

Imágem de 7 de Março de 1846.

(De joelhos)

DANTE

Donna, se' tanto grande et tanto vali
Che, qual vuol grazia e a te non ricorre,
Sua disianza vuol volar senz'ali.
La tua benignità non pur soccorre
A chi dimanda, ma molte fiate
Liberamente al dimandar precorre.
In te misèricordia, in te pietate,
In te magnificenza, in te s'aduna
Quantunque in creatura è di bontate.

(Sentado)

PETRARCA

Qual paura ho quando mi torna a mente
Quel giorno ch'i lasciai grave e pensosa
Ma donna e'l mio cor seco! E non è cosa
Che si volentier pensi e si sovente.
I'la riveggio starsi umilemente
Tra belle donne, a guisa d'una rosa
Tra minor fior, ne lieta, ne dogliosa,
Come chi teme ed altro mal non sente.

Deposta avea l'usata leggiadria,
Le perle e le ghirlande e i panni allegri,
E'l riso e'l canto e'l parlar dolce umano,
Cosi in dubbio lasciai la vita mia!
Or tristi augurii, e sogni, e pensier negri
Mi danno assalto, piaccia a dio ch'invano!

(**Imágem da tumba querida**). A pédra do sepulcro é o teu primeiro altar.

PETRARCA

Dolci durezze e placide repulse,
Piene di casto amor e di pietate,
Leggiadri sdegni, che le mie infiammate
Voglie tempraro (or me n'accorgo) e'nsulse.
Gentil parlar, ovi chiaro rifulse
Com somma cortesia somma onestate,
Fior di virtù, fontana di beltate,
Ch'ogni basso pensier dal cor m'avulse.
Divino sguardo, da far l'uom félice,
Or fiero in affrenar la mente ardita
A quel che giustamente si disdice,
Or presto a confortar mia frale vita:
Questo bel variar fu la radice
Di mia salute, ch'altramente era ita.

3.º CONCLUZÃO (3 minutos)

(Imágem da tumba querida). **Quella ch'mparadisa la mia mente!** Viver para ôutrem. Eis a verdadeira felicidade como o verdadeiro dever. Só tu me ensinaste a fun-

dir as suas fórmulas! Que prazeres pódem eceder os da dedicação?

(À minha etérna companheira). Amem te plus quàm me, nec me nisi propter te !

(À Humanidade, no seu templo, diante do seu altar-mór). Amem te plus quàm me, nec me nisi propter te !

(As séte mássimas da minha padroeira). E' indigno dos grandes corações derramar as perturbações que sêntem.

Que prazeres pódem eceder os da dedicação?

Compreendí, milhór do que ninguem, a fraqueza da nóssa natureza, quando não é dirigida para um alvo elevado, que seja inacessível às paixões.

A nóssa espécie, mais do que as outras, caréce de deveres para fazer sentimentos.

Não ha, na vida, nada irrevogável sinão a mórte.

Nós temos todos aínda um pé no ar sobre o limiar da verdade.

Os máus têm a miúdo mais precizão de piedade do que os bons.

(À minha padroeira, como personificando a Humanidade.)

Vergine-madre, Figlia del tuo figlio,
Amem te plus quàm me, nec me nisi propter [te !
Tre dolci nomi hà'in te raccolti
Sposa, madre, e figliuola !

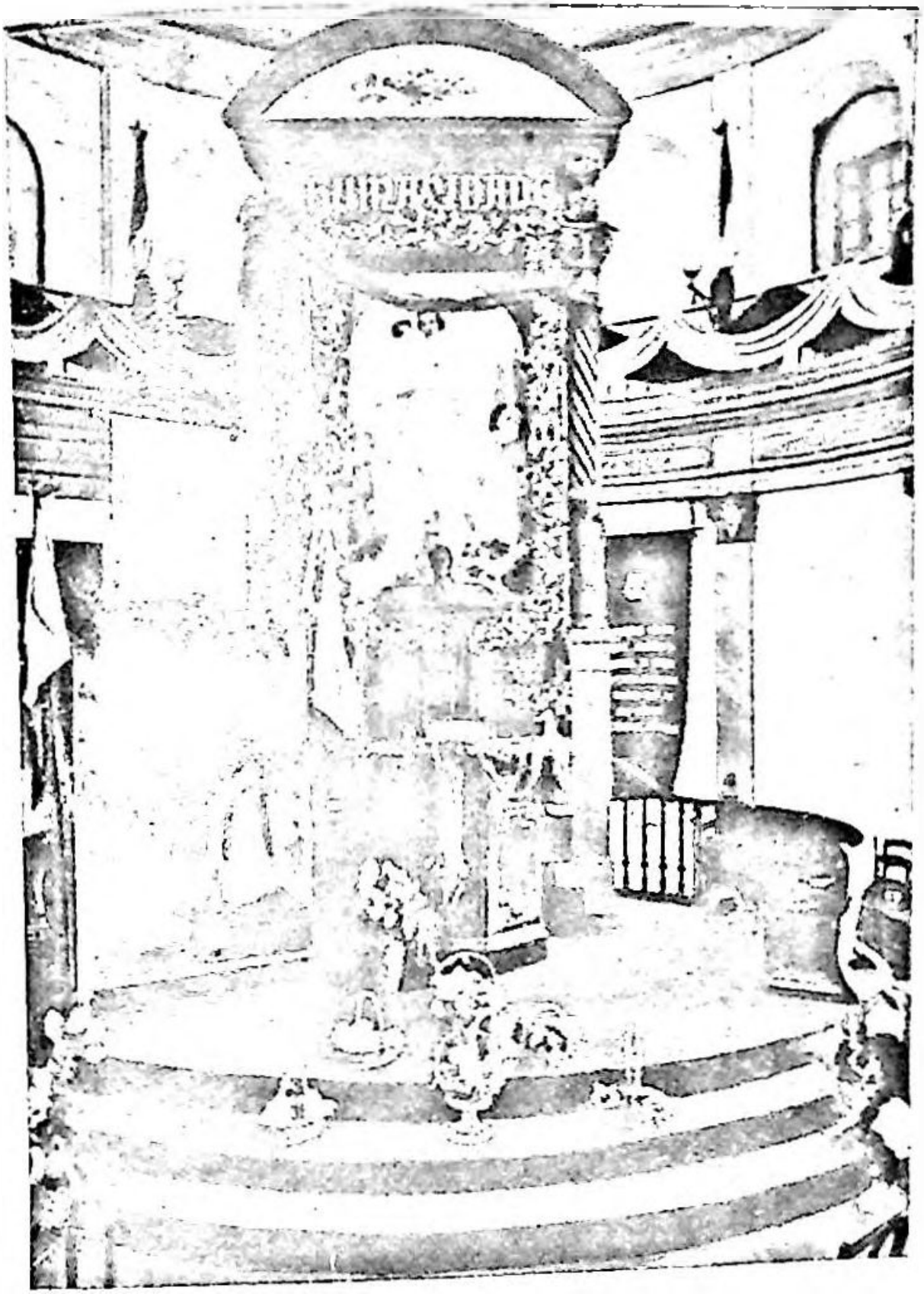
Paris, 10, Rua Monsieur-le-Prince.

Venerdia, 16 de Arquimédes 69
(10 de Abril de 1857.)

Augusto COMTE

Fundador da Religião da Humanidade.

Nacido a 19 de Janeiro de 1798, em Montpellier.



TEMPLO DA HUMANIDADE
NO
RIO DE JANEIRO

Vista do altar-mór. A Humanidade é ai personificada por Clotilde

(Idealização do pintor brazileiro Décio Vilares)

Nóta dos editores

O prezente opúsculo foi editado em francês como "Lembrança do dia 16 de Gutenberg de 49/115 (28 de Agosto de 1903)" e "distribuido na rua Payenne n. 5" por ocazião da consagração ao culto da Humanidade da caza em que morreu Clotilde. Agóra rezolvemos publicá-lo em português. A tradução, ecetuando o prefácio de Augusto Comte que tivemos de traduzir, fomos buscar em publicações da Igreja e Apostolado Pozitivista do Brazil, assim: As epígrafes do início se encôntrão em várias délas; as poezias na publicação n. 1 do ano 68/124 — 1922; o estrato da vida de Augusto Comte pelo Dr. Robinet na publicação n. 179; a "Lúcia", os "Estratos da Correspondência Sagrada", a "Carta Filozófica sobre a comemoração social" e as "Orações Quotidianas" na óbra "O ano ser par" do Apóstolo R. Teixeira Mendes.

Pelos Editores

NELSON GARCIA NOGUEIRA.

J. MODÉSTO LIMA.

Rio, 12 de Arquimédes de 148.
5 de Abril de 1936.

BIBLIOTECA DE
FILOSOFIA E
CIÊNCIAS SOCIAIS
6624

Indíce das Matérias

	Pags.
Lúcia	7
Os pensamentos de uma flor.....	49
A Infância	60
Carta sobre a Comemoração Social.	65
Orações Quotidianas	85

Typographia do "Jornal do Comércio"

OBRA RARA

6(

1